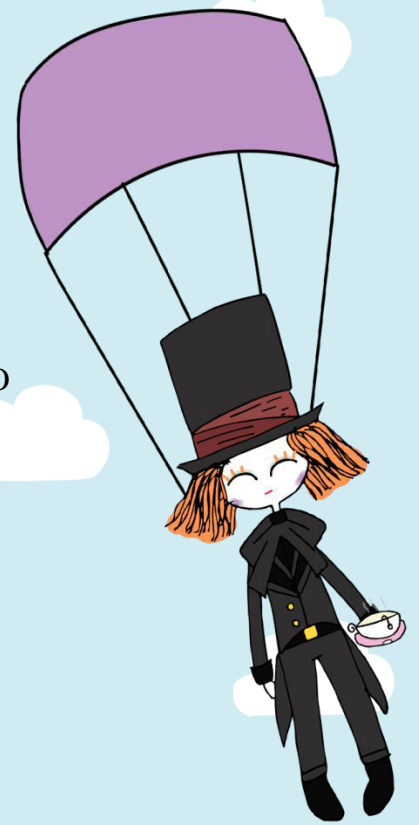




UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE PSICOLOGIA



ANA CAROLINE ANDRADE GOMES

ASSERTIVA, PASSIVA OU AGRESSIVA: como Alice se comporta no País das Maravilhas?



São Luís

2018

ANA CAROLINE ANDRADE GOMES

**ASSERTIVA, PASSIVA OU AGRESSIVA: como Alice se comporta no País das
Maravilhas?**

Monografia apresentada ao Curso de Psicologia da
Universidade Federal do Maranhão para obtenção do
grau de Bacharel em Psicologia com Formação de
Psicólogo.

Orientadora: Prof.^a Dra. Catarina Malcher Teixeira

São Luís - MA

2018

Gomes, Ana Caroline Andrade.

Assertiva, agressiva ou passiva: como Alice se comporta no País das Maravilhas? / Ana Caroline Andrade Gomes. - 2018. 81 f.

Orientador(a): Catarina Malcher Teixeira. Monografia (Graduação) - Curso de Psicologia, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2018.

1. Análise do Comportamento. 2. Assertividade.
3. Histórias infantis. I. Teixeira, Catarina Malcher. II. Título.

ANA CAROLINE ANDRADE GOMES

ASSERTIVA, PASSIVA OU AGRESSIVA: como Alice se comporta no País das
Maravilhas?

Monografia apresentada ao Curso de
Psicologia da Universidade Federal do
Maranhão para obtenção do grau de Bacharel
em Psicologia com Formação de Psicólogo.

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dra. Catarina Malcher Teixeira (Orientadora)
Doutora em Psicologia
Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Lucas Guimarães Cardoso de Sá (Examinador)
Doutor em Psicologia
Universidade Federal do Maranhão

Prof^ª. Ma. Viviane Pereira dos Santos (Examinador)
Mestre em Psicologia
Universidade Federal do Maranhão

Psic. Yuri Pacheco Neiva (Suplente)
Mestrando em Psicologia
Universidade Federal do Maranhão

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deus, por me conhecer melhor do que ninguém e sempre colocar as pessoas certas e na hora certa em meu caminho, me proporcionando força para seguir em frente nos momentos em que achei que tudo daria errado.

À minha família, que nunca me negou colo e não mediu esforços para me proporcionar as melhores condições.

Em especial à minha mãe e pai drastro (porque sempre foi mais que um padrasto para mim), Yonara e William, por sempre me apoiarem, me incentivarem a dar o meu melhor em tudo que eu fizesse e me darem exemplos vivos de garra e determinação. À minha mãe, por ser a guerreira que é, por todo o sacrifício que já fez e continua fazendo por mim, por cada palavra, consolo e por enriquecer o meu repertório com ditados que só ela conhece. Ao meu padrasto, por ter acolhido a mim e a minha irmã como filhas, pelos conselhos e por todas as oportunidades que me proporcionou. Não sei o que seria de mim sem vocês dois.

À minha irmã, Thays, minha parceira de vida, por todas as risadas, confissões, por sempre ouvir as minhas histórias e por ter presenteado a nossa família com o Heitor, o melhor sobrinho que eu poderia ter.

Ao meu namorado, Lucas, por sempre estar disposto a me ajudar, por todo o apoio, carinho, dedicação e por aguentar minhas loucuras e sumiços neste período conturbado de monografia. Sei que posso contar com você em qualquer momento.

Às amigas que fiz ao longo do curso, Paula, Hany e Marina, por toda a parceria durante os últimos anos (e que se Deus quiser durará por toda a vida). Paula, minha parceira de dupla, por ser aquela que sempre me fez rir (mesmo quando minha maior vontade era de chorar e sair correndo), por me ouvir, socorrer e por toda a sincera amizade que me ofereceu sem pedir nada em troca. Hany, por todo o carinho, por dar os melhores conselhos e sempre querer o que é melhor para mim – é impressionante como você parecia sempre saber qual era o caminho. Marina, por, com seu jeito único, sempre estar por perto (mesmo quando distante) e sempre me ajudar quando eu mais precisava (até mesmo com o silêncio). Vocês três me proporcionaram os melhores momentos durante o curso, então agradeço de coração por isso.

Aos meus amigos de trabalho Liliam, Lure, Elaine, Ana Paula e Klayton, por serem meus parceiros de todos os dias úteis (e para além deles). Em especial à Liliam, minha “chefinha”, por sempre ter uma palavra amiga, muita coisa a ensinar e por ser uma psicóloga incrível na qual eu me espelho.

À minha chefe, Marcinha, por todo o cuidado e zelo de sempre comigo e com toda a sua equipe e por ser para mim um exemplo de liderança. Muito obrigada por cada palavra de apoio e por me dar suporte sempre que necessário, me ajudando a conciliar trabalho e monografia.

E claro, à minha orientadora, Catarina Malcher, “rainha das Habilidades Sociais”, que me ensinou, durante o período estressante que é a monografia, que o sentimento do desespero não altera a contingência. Muito obrigada por toda a paciência, por sempre me apoiar, incentivar a dar o meu melhor e me mostrar que tudo daria certo. Além de uma incrível psicóloga e professora, sei que você também é um incrível ser humano.

Por fim, agradeço a todos os professores do curso de Psicologia da UFMA, que, cada um da sua maneira, colaboraram para que eu me tornasse a pessoa que sou hoje. Em especial, agradeço aos professores Tony Nelson, Nazaré Costa, Lucas Sá, Wanderléa Bandeira e Rosane Miranda. Vocês podem nem estar cientes disso, mas são grandes inspirações para mim. Muito obrigada!

“Contos de fadas são a pura verdade. Não porque nos contam que dragões e bruxas existem, mas porque nos mostram que eles podem ser vencidos.”

(Gilbert Keith Chesterton)

RESUMO

As histórias infantis acompanham os indivíduos desde a infância até a fase adulta. Por retratarem relações sociais, são, para as crianças, uma das primeiras fontes de aprendizagem de valores que podem influenciar suas interações sociais. Nesta direção, o objetivo deste estudo foi analisar as interações sociais da personagem Alice, do livro “*As aventuras de Alice no País das Maravilhas*”, caracterizando os comportamentos da personagem em: assertivos, agressivos ou passivos, além de analisá-los funcionalmente. Para isso, tomou-se como recorte teórico conceitos centrais da Ciência Analítico-Comportamental e do campo teórico-prático das Habilidades Sociais (HS). A obra foi analisada na íntegra. Os dados acerca da caracterização dos estilos comportamentais apontaram para 28,6% assertivo, 35,7% passivo e 35,7% agressivo. Já as análises funcionais indicaram que o estilo assertivo é mantido predominantemente por contingências de reforçamento positivo, o passivo por reforçamento positivo e negativo, e o agressivo é frequentemente consequenciado por punição positiva, punição negativa e reforçamento negativo. Discute-se que a personagem, embora tenha em seu repertório habilidades sociais assertivas, comporta-se, na maior parte da obra, de forma inassertiva. Adicionalmente, é feita uma discussão sobre os padrões de comportamento de Alice que direta e indiretamente podem influenciar os comportamentos de crianças. Em complemento, debate-se a utilização desses tipos de análise como ferramentas lúdicas na prática clínica analítico-comportamental, assim como a possibilidade de utilização de histórias infantis no ensino de princípios da Análise do Comportamento.

Palavras-chave: Análise do Comportamento; Assertividade; Histórias Infantis.

ABSTRACT

Children's stories go along with individuals from infancy to adulthood. For children, they are one of the earliest sources of value learning that can influence their social interactions by portraying social relationships. Thus, the objective of this study was to analyze the social interactions of the character Alice from the book "Alice's Adventures in Wonderland", characterize the character behaviors as assertive, aggressive or passive and analyze these behaviors functionally. Theoretical concepts were taken, such as the main concepts of Behavior Analysis Science and the theoretical-practical field of Social Skills (HS). The book was analyzed in its entirety. Data about the characterization of behavioral styles pointed to 28.6% assertive behavior, 35.7% passive and 35.7% aggressive. Functional analyzes have indicated that assertive style is maintained predominantly by positive reinforcement contingencies while the passive style is maintained by positive and negative reinforcement, and consequences for the aggressive style are often positive and negative punishment and negative reinforcement. Although the character has assertive social skills in her behavioral repertoire, it is argued that, in most of the book, she behaves in an inassertive way. Additionally, a discussion is made about Alice's behavior patterns which can directly and indirectly influence children's behavior. In addition, it is discussed these types of analysis as playful tools in analytic-behavioral clinical practice as well as the possibility of using children's stories in teaching principles of Behavior Analysis.

Key-words: Behavior Analysis; Assertiveness; Children's stories.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Capa do livro "As aventuras de Alice no País das Maravilhas", de Lewis Carroll.....	38
FIGURA 2 – Fluxograma com identificação dos personagens com quem Alice interage.	39
FIGURA 3 – Fluxograma com identificação dos personagens que tiveram interações como foco de análise.	40

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Caracterização das interações sociais.....	42
QUADRO 2 - Descrição de contingências de respostas passivas de Alice (continua). .	54
QUADRO 3 - Descrição de contingências de respostas agressivas de Alice.....	58
QUADRO 4 - Descrição de contingências de respostas assertivas de Alice.....	61

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - Caracterização das respostas agressivas, assertivas e passivas da personagem Alice com todos os personagens com quem interage.....	45
TABELA 2 - Estilos comportamentais agressivos presentes nas interações de Alice com cada personagem.....	48
TABELA 3 - Estilos comportamentais passivos presentes nas interações de Alice com cada personagem.....	50
TABELA 4 - Estilos comportamentais assertivos presentes nas interações de Alice com cada personagem.....	52

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
2. MARCO TEÓRICO	17
2.1 Habilidades Sociais	17
2.2 Habilidades Sociais Na Infância e Comportamentos Governados por Regras - Modelação	24
2.3 Contos de Fadas	30
3. OBJETIVOS	37
3.1 Geral	37
3.2 Específicos	37
4. MÉTODO	38
4.1 Fonte bibliográfica	38
4.2 Instrumentos e materiais	38
4.3 Procedimentos	39
4.3.1 Coleta de dados	39
4.3.2 Análise quantitativa e qualitativa dos dados	44
5. RESULTADOS E DISCUSSÃO	45
5.3.1 Análises das contingências de respostas passivas de Alice.....	54
5.3.2 Análises das contingências de respostas agressivas de Alice.	58
5.3.2 Análises das contingências de respostas assertivas de Alice.	61
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
7 REFERÊNCIAS	70
APÊNDICES	75
APÊNDICE A: Protocolo de análise dos comportamentos	76
APÊNDICE B: Síntese do livro	77
APÊNDICE C: Documento enviado aos juízes	79

1. INTRODUÇÃO

Para Skinner (1981, p. 502) o comportamento humano é produto de um conjunto de “contingências de sobrevivência responsáveis pela seleção natural das espécies, e contingências de reforçamento responsáveis pelos repertórios adquiridos por seus membros, incluindo contingências especiais mantidas por um ambiente social evoluído”. Del Prette e Del Prette (2017), em concordância, afirmaram que as Habilidades Sociais (HS) se caracterizam como comportamentos sociais. Pode-se afirmar, então, que são fenômenos comportamentais multideterminados por histórias nos níveis filogenético, ontogenético e cultural.

O nível filogenético é aquele comum a todos os indivíduos da mesma espécie, sendo responsável pela evolução das características fisiológicas e anatômicas e dos comportamentos reflexos (inatos). O nível ontogenético diz respeito ao processo de desenvolvimento da aprendizagem do indivíduo ao longo da vida, neste nível o reforçamento operante explica em grande parte a evolução de repertórios comportamentais específicos de cada indivíduo (SAMPAIO; ANDERY, 2012). Já o nível cultural inclui as práticas culturais e variáveis ambientais mais abrangentes e que exercem influência sobre os indivíduos e seus relacionamentos, na medida em que define os padrões de comportamentos valorizados ou reprovados pelo grupo social para os diferentes contextos.

Na cultura ocidental contemporânea, é grande a exposição das crianças a modelos reais e simbólicos presentes na televisão, revistas e livros, ainda que nem sempre sob controle dos pais (COMODO et al., 2011). Os contos de fadas, por exemplo, acompanham a trajetória de muitos indivíduos desde a infância até a fase adulta, seja por meio da literatura ou de filmes; as histórias sobre príncipes e princesas, com o passar do tempo, dão espaço, na vida adulta, para outros heróis, presentes na televisão, jornais e diversos meios de comunicação (SBARDELOTTO; DONELLI, 2014). Como toda história, independente de qual seja a temática ou tipo de personagens (humanos ou infra-humanos), discorre sobre relações sociais. Desta forma, considera-se que os contos, enquanto um gênero textual bastante atrativo para as crianças, oferecem modelos de comportamentos e visões de mundo, influenciando fortemente nas interações sociais dos indivíduos em diferentes contextos. Assim, eles têm sido utilizados como uma importante ferramenta para o ensino de diversas HS e como meio de transmissão de regras e valores sociais. Del Prette e Del Prette (2003) afirmaram que

as HS referem-se a padrões específicos do comportamento aprendido observável, verbal e não verbal, pelo qual os indivíduos influenciam os demais e tentam atender às diversas necessidades. Partindo deste ponto de vista, tendo o comportamento dos personagens dos contos como modelo, as crianças imitam a forma de falar, de se vestir e de se relacionar.

Muito se estuda sobre as HS, assim como modos eficazes de desenvolvê-las e estratégias para treiná-las. As HS na infância, em especial, ganham destaque no cenário acadêmico por se tratarem de requisitos essenciais para o desenvolvimento global infantil. Assuntos como HS e desempenho acadêmico, relação entre pais e filhos, comportamentos problema e filmes são constantemente abordados. Contudo, pouco se discute sobre o papel que as histórias infantis, tão presentes no cotidiano das crianças, exercem no desenvolvimento destas habilidades. Estudos apontam que um indivíduo que durante a infância lê histórias e assiste filmes em que comportamentos agressivos são constantemente reforçados, terá maior probabilidade de se comportar desta maneira (HUESMANN et al., 2003; COMODO et al., 2013; ALMEIDA, 2009).

Neste sentido, contos de fadas são um dos primeiros meios a fornecer repertório comportamental para que estas crianças consigam se relacionar em nosso âmbito social, deste modo, faz-se necessário um aprofundamento nesta temática em conjunto com a área de estudo das HS.

Para a realização do presente estudo foi realizada a análise comportamental da personagem Alice, da obra *As aventuras de Alice no País das Maravilhas*, do autor Lewis Carroll (originalmente publicada em 1865). Tal escolha se deu por esta ser uma personagem mundialmente conhecida e por estabelecer múltiplas e ricas relações sociais no decorrer da narrativa da história.

Analisar as interações sociais e os padrões de comportamentos (assertivos, passivos e agressivos) da Alice permitiu discutir sobre padrões de comportamento que direta e indiretamente são transmitidos às crianças, assim como inferir a influência que estas histórias podem ter nesta população. Este tipo de análise é importante e traz subsídios para intervenções nos contextos educacional e clínico, com destaque para as intervenções junto às crianças com dificuldades de comportar-se de forma assertiva (COMODO et al., 2013). Trabalhar e desenvolver habilidades sociais em crianças possibilita que elas tornem-se agentes do seu próprio ajustamento escolar e social, o que resulta em um maior número de amigos, melhor relacionamento com professores,

melhora da autoestima, maior desenvolvimento de estratégias para resolução de problemas e, conseqüentemente, mais saúde e bem-estar (FEITOSA, 2009).

Del Prette e Del Prette (2005a) destacaram as HS como um preciso indicador do ajustamento psicossocial e de perspectivas positivas para o desenvolvimento infantil, enquanto que um repertório social empobrecido pode constituir um sintoma ou correlato de problemas psicológicos. Tendo em vista que as histórias infantis contribuem para o enriquecimento comportamental das crianças, pois oferecem soluções variadas para os problemas do mundo infantil (VASCONCELOS, 2006), pode-se afirmar que a utilização dos contos de fadas em conjunto com um Treinamento de Habilidades Sociais (THS) torna-se uma forma eficaz de desenvolvimento das HS para o público infantil. O atual estudo poderá servir de base para análises de comportamentos de outros personagens de contos clássicos da literatura, além de favorecer a aplicação de conceitos da Análise do Comportamento de forma lúdica.

Dessa forma, este estudo objetivou analisar o repertório de habilidades sociais da personagem Alice, assim como caracterizar os comportamentos emitidos pela personagem em assertivos, passivos ou agressivos, analisando-os funcionalmente. Para isso, foi realizada uma pesquisa bibliográfica qualitativa descritiva e quantitativa, tendo como base o recorte Analítico-Comportamental de B. F. Skinner

Este trabalho monográfico inicia-se com uma breve revisão conceitual acerca do tema das HS, com ênfase nos estilos comportamentais: passivo, agressivo e assertivo. Na sequência, é apresentada uma discussão sobre as HS na infância, sobre a modelação e o controle comportamental por regras. Isso porquê a aprendizagem por modelação e por regras exerce grande influência no que diz respeito à aprendizagem das HS. Finalizando a fundamentação teórica, é fornecido um breve histórico sobre os contos de fadas e são apresentados estudos que tratam sobre a influência que estes contos, os vídeos e os filmes exercem sobre o comportamento das crianças. Para compreensão da parte empírica, é apresentada uma seção com as questões metodológicas e a seção de resultados e discussão. Por fim, são acrescentadas as considerações finais do estudo, resgatando os objetivos e as principais conclusões.

2. MARCO TEÓRICO

Esta seção está dividida em três partes. Na primeira, é abordado o tema das HS, discutido alguns dos conceitos centrais referentes a esta temática: Habilidade Social (HS), Competência Social (CS) e Desempenho Social (DS); além de discutir o conceito de habilidade social assertiva e suas subclasses e estabelecer as diferenças entre comportamentos: assertivos, passivos e agressivos. Na segunda parte, é dado um enfoque às HS na infância, à aprendizagem por regras - modelação, assim como a influência destes tipos de aprendizagem para o desenvolvimento de HS. A terceira parte traz um breve histórico sobre contos de fadas, onde são apresentados estudos que discutem a influência que estes contos, os filmes e os vídeos exercem sobre os comportamentos emitidos pelas crianças.

2.1 Habilidades Sociais

O interesse da Psicologia pelas relações interpessoais é tão antigo quanto a própria formação desta ciência (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2001). É impossível, para as Ciências Sociais, falar sobre homem e não falar sobre o ambiente em que ele está inserido e sobre as relações sociais das quais ele faz parte. Tendo isso em vista, o campo das Habilidades Sociais ganha destaque neste cenário. Entende-se por HS uma classe geral de comportamentos que possuem alta probabilidade de produzir consequências reforçadoras para o indivíduo e para as demais pessoas do grupo social (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2010).

Del Prette e Del Prette (2001) com o objetivo de sistematizar os conceitos para melhor compreensão desse campo de conhecimento, organizaram as HS em sete conjuntos, tendo como base a análise do conteúdo e a funcionalidade das mesmas nas interações sociais. São eles: (1) automonitoria; (2) comunicação; (3) de civilidade; (4) assertivas, direito e cidadania; (5) empáticas; (6) de trabalho; (7) de expressão de sentimento positivo. Embora haja essa organização em classes, dada a complexidade das interações, também há divisão em subclasses, sendo que quanto mais complexa for a classe de habilidade, mais subclasses de habilidades ela terá.

O campo das HS apresenta uma diversidade conceitual com visões complementares e/ou alternativas sobre as mesmas (COMODO; DIAS, 2017). Trata-se, portanto, de uma área de conhecimento que pode ser abordada sob diferentes perspectivas teóricas, entre elas a Análise do Comportamento, Ciência do Comportamento proposta por B. F. Skinner. Considerando este referencial, Bolsoni-

Silva (2010), a exemplo, destacou que as HS podem ser consideradas uma adjetivação de repertórios operantes, sobretudo verbais, pois são respostas conseqüenciadas por uma comunidade verbal e podem assumir funções tais como mando e tato. A autora dá como exemplo os comportamentos de fazer pedidos e de solicitar mudança de comportamento, que são conseqüenciados por membros de determinada cultura que podem atendê-los (reforçando assim o comportamento do falante) ou recusar-se a atendê-los (punindo este comportamento), mantendo-os ou suprimindo-os. Ainda que não seja o foco deste trabalho, pode-se afirmar que estudos sobre HS e comportamentos verbais podem ser caracterizados como relevantes para os dois campos de conhecimento, permitindo uma melhor compreensão desses fenômenos e maior interface entre as linhas de investigação das HS e da Análise do Comportamento.

Ainda sobre esse assunto, Bolsoni-Silva (2010) acrescentou que as habilidades sociais também podem ser compreendidas como:

[...] uma “qualificação” que parece ter sido consolidada na prática cultural. Tal consolidação parece estar presente no contexto da comunidade científica, como “repertório socialmente habilidoso” (ou repertório socialmente inábil), ou “comportamento socialmente habilidoso” (ou comportamento inábil ou não habilidoso), como forma de “rotular”, de “designar”, de “nomear”, de “adjetivar”, de “qualificar” comportamentos que sejam ou não compatíveis com as funções sociais aceitas dentro das “normas”, “regras” do nosso grupo social (p. 343).

Deste modo, pode-se afirmar que as HS também possuem uma dimensão ético-moral, na medida em que remetem a um procedimento de escolha do que ensinar e do que não ensinar, de como ensinar, de que finalidades escolher quando interessa ao profissional a melhora do repertório de HS de um indivíduo (BOLSONI-SILVA, 2010). Como destacado pela autora, o repertório socialmente habilidoso é compatível com as funções sociais aceitas dentro da cultura em que o indivíduo está inserido. As HS de civilidade, por exemplo, sofrem esta influência na medida em que, de acordo com a cultura a qual o indivíduo pertence, determinado comportamento pode ser considerado socialmente habilidoso ou não: na cultura ocidental é cordial que o indivíduo dê ao garçom que o serve uma gorjeta, na cultura asiática, por outro lado, este é um ato ofensivo.

Quando se estuda o campo das HS, frequentemente são abordados outros conceitos importantes para compreensão do tema, como Desempenho Social (DS) e Competência Social (CS). Para que haja uma compreensão deste campo de estudo, faz-se necessário fazer uma distinção entre estes conceitos, algumas vezes erroneamente adotados como similares (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2001).

De acordo com Del Prette e Del Prette (2001) o DS refere-se à emissão de um comportamento ou sequência de comportamentos em uma situação social qualquer. Este possui três dimensões: pessoal, situacional e cultural. A dimensão pessoal diz respeito ao repertório comportamental do indivíduo e a questões referentes à sua história de vida. A dimensão situacional refere-se ao ambiente em que este indivíduo se encontra. A dimensão cultural diz respeito às convenções culturais compartilhadas pelo grupo no qual o indivíduo está inserido (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2012).

O conceito de CS, por outro lado, tem sentido avaliativo que remete aos efeitos do desempenho das habilidades nas situações vividas pelo indivíduo. Del Prette e Del Prette (1999) definiram critérios para que o indivíduo seja considerado socialmente competente, são eles: a) consecução dos objetivos de uma situação interpessoal; b) contribuição na maximização de ganhos e na minimização de perdas para si e para as pessoas com as quais interage, mantendo, portanto, um equilíbrio nas interações; c) a manutenção ou melhoria da autoestima; d) a manutenção ou ampliação dos direitos humanos socialmente reconhecidos. Partindo deste princípio, uma pessoa que possui um desempenho socialmente competente é aquela que consegue decodificar os sinais sociais do ambiente social em que está e compreender os desempenhos que são esperados, valorizados e efetivos para o indivíduo na relação com os demais.

Del Prette e Del Prette (2001) destacaram que um indivíduo que possui um repertório de HS bem desenvolvido não possui, necessariamente, um desempenho socialmente competente, embora esta seja uma condição para tal. Por exemplo, um indivíduo pode ter habilidades sociais de civilidade altamente desenvolvidas, porém, se o seu contexto social indicar que comportar-se de modo não cordial produz consequências reforçadoras imediatas para si, pode-se afirmar que há maior probabilidade de que este indivíduo se comporte desta forma, mesmo que implique em perdas para o grupo. Assim, um dos critérios, que é o equilíbrio nas relações, se perde. Portanto, o mesmo passa a comporta-se de forma inábil socialmente. É importante ressaltar que a definição de cada um destes conceitos (HS, DS e CS) remete necessariamente à definição do outro, o que pode ser um dos fatores para que estes sejam algumas vezes vistos como similares (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2001).

A atribuição de Competência Social supõe correspondência entre comportamentos manifestos (observáveis) e encobertos (privados), por exemplo, elogiar sinceramente ou expressar honestamente o desagrado em relação ao comportamento do interlocutor (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2010). Contudo, esta coerência nem

sempre é encontrada no meio social, pois existem, em nosso meio cultural, as incoerências chamadas de mentiras sociais como, por exemplo, convites que não expressam verdadeiros desejos e falsos elogios, além da contenção na expressão de alguns sentimentos ou pensamentos (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2001). Del Prette e Del Prette (2001) apontaram três aspectos que influenciam diretamente neste processo. São eles: a) observação/imitação de padrões de simulação; b) punição para a verdadeira expressão de sentimentos e pensamentos; c) reforços para comportamentos que envolvem a não expressão verdadeira de sentimentos e pensamentos. Skinner (1974/2006), afirmou que as explicações dos motivos pelos quais nos comportamos variam de acordo com os tipos de respostas aceitas pela comunidade verbal da qual fazemos parte. Deste modo, pode-se inferir que um indivíduo, ao elogiar a roupa de um amigo mesmo sem concordar com este elogio, está se comportando desta forma, pois este é o tipo de comportamento aceito pela comunidade na qual ele está inserido, ou seja, este é o comportamento passível de ser reforçado.

Dentre as HS, uma importante classe é a assertividade, que de acordo com Del Prette e Del Prette (2005a),

[...] é uma classe de habilidades sociais de enfrentamento em situações que envolvem risco de reação indesejável do interlocutor, com controle da ansiedade e expressão apropriada de sentimentos, desejos e opiniões. Ela implica tanto na superação da passividade quanto no autocontrole da agressividade e de outras reações não-habilidosas [...] (p. 175).

Ao abordar o tema da assertividade, tendo em vista o enfoque analítico-comportamental, Marchezini-Cunha e Tourinho (2010) fizeram uma relação desta habilidade com o conceito de autocontrole. Os autores utilizaram definições de Rich e Schroeder (1976), que privilegia o caráter funcional ao definir assertividade como sendo uma “habilidade para procurar, manter ou aumentar o reforçamento em uma situação interpessoal por meio da expressão de sentimentos ou desejos quando tal expressão envolve riscos de perda de reforçamento ou até punição” (p. 1082). Deste modo, diante de uma determinada situação interpessoal na qual respostas passivas ou agressivas acarretariam em punição ou perda de reforçamento, uma resposta assertiva garantiria a produção, manutenção ou aumento de reforçadores, principalmente a médio e longo prazo.

Dentre as subclasses de HS assertivas estão: manifestar opinião (concordar e/ou discordar das ideias propostas por outras pessoas sem necessariamente ter de convencê-las ou precisar desqualificá-las; trata-se de apresentar uma ideia sustentando-a

em fatos e dando a oportunidade para os demais indivíduos fazerem o mesmo); fazer, aceitar e recusar pedidos (discriminar a quem, como e quando os pedidos devem ser feitos, assim como saber dizer não sem se desculpar ou, caso necessário, apresentando breve justificativa); desculpar-se e admitir falhas (definida pelo ato de desculpar-se sem que haja justificativa ou promessa de compensação e/ou mudança); expressar raiva e pedir mudança de comportamento (habilidade de expressar sentimentos negativos sem afetar a qualidade dos relacionamentos; não se confunde com um desabafo e deve, sempre que possível, vir acompanhada de um pedido de mudança de comportamento daquele que gera esse sentimento); lidar com críticas (envolve habilidade de fazer e receber críticas, baseada nos critérios de veracidade da informação, forma como a crítica foi feita, ocasião em que foi dita e objetivo); estabelecer relacionamento afetivo/sexual (envolve habilidade de envio e leitura de sinais não verbais, além de habilidades de conversação); encerrar relacionamento (relacionada com habilidades de empatia e expressão de sentimentos e opiniões, de avaliação, de negociação e de compreensão de perdas, de revisão de planos e expectativas etc.); interagir com autoridades (variante mais complexa da habilidade de iniciar conversação, graças à noção de inacessibilidade que dificulta a interação) (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2001).

Del Prette e Del Prette (2003), ao falar sobre habilidades assertivas, propõem, baseando-se em Alberti e Emmons (1970/1989), a classificação dos comportamentos interpessoais em três estilos: assertivo, agressivo e passivo.

O *estilo passivo*¹ de comportamento é aquele em que o indivíduo tem dificuldade de expressar opinião e sentimentos, e quando o faz, não é de maneira habilidosa; ele acaba por fazê-lo “de maneira apagada, seguida de tantas justificativas e desculpismos que, na maioria das vezes, seus sentimentos e direitos são ignorados” (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2003, p.144). Muitas das respostas destes indivíduos podem ser caracterizadas como respostas de fuga e esquiva, sendo assim mantidas por reforçamento negativo.

O *estilo agressivo* é aquele em que o indivíduo possui baixo autocontrole dos comportamentos públicos e privados, além de envolver autovalorização excessiva e busca por resultados imediatos, o que acaba gerando desvalorização e violação dos

¹ Comumente denominado, na literatura do campo das HS, de “inassertivo”. Contudo, conforme exposto por Del Prette e Del Prette (2003), como o estilo agressivo também é inassertivo, adotaremos neste trabalho monográfico a denominação “passivo”.

direitos do outro (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2003). Caballo (2003) complementou a discussão sobre esse estilo sinalizando a existência de um estilo chamado de *agressão passiva*, em que um indivíduo, perante uma situação conflituosa com risco de perda de reforçadores para si, se expressa de maneira indireta e sutil, mas sem deixar de coagir os demais (e.g. olhar ameaçador, ironia). Na maioria das vezes as pessoas com esse estilo de comportamento interpessoal conseguem atingir seus objetivos e receber recompensas imediatas do ambiente. Quando não exageram e conseguem alternar agressividade e assertividade, esses indivíduos podem obter excelentes resultados a curto prazo, embora haja alta probabilidade de consequências aversivas para si a médio e longo prazo, pois ao emitirem esse tipo de comportamento, esses indivíduos tornam-se mais temidos do que respeitados, o que pode produzir uma fragilidade nas relações interpessoais.

É importante destacar que tanto o estilo de comportamento agressivo quanto o passivo não são permanentes e imutáveis no repertório do indivíduo, como um *traço de personalidade*, mas sim, resultado de condutas decorrentes da história de vida do indivíduo e do contexto. Portanto, passíveis de mudança como qualquer outro comportamento. Este caráter situacional demonstra que o desempenho social não é uma decorrência da “personalidade”, “caráter” ou “índole” (no sentido de características pessoais estáveis), mas sim algo que depende das condições do ambiente e das experiências de aprendizagem que nele ocorrem (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2005a).

Dependendo da frequência e dos efeitos causados pelos estilos comportamentais, em alguns casos para que a mudança aconteça faz-se necessária uma ajuda especializada, a partir de uma intervenção realizada por meio do Treinamento de Habilidades Sociais (THS), ferramenta que permite desenvolver, instalar ou ampliar o repertório de HS de um indivíduo. Enquanto uma técnica, este treinamento compreende duas etapas: avaliação e intervenção. A avaliação consiste em identificar os déficits e excessos comportamentais, seus antecedentes e consequentes e demais aspectos que contribuam para a não emissão de comportamentos socialmente habilidosos (MURTA, 2005). O conjunto de informações obtidas a partir desta avaliação pode ser analisado sob um enfoque *ideográfico* (comparação entre características da própria pessoa, que visa identificar aspectos bem desenvolvidos e que devem ser melhorados neste indivíduo e relacioná-los a outras características adaptativas ou desadaptativas do seu funcionamento psicológico) ou *nomotético* (características interpessoais do indivíduo

são comparadas com a referência populacional normativa para a identificação de déficits e recursos) (DELL PRETTE; DEL PRETTE, 2005b).

A intervenção visa modificar componentes comportamentais, cognitivos e fisiológicos típicos dos déficits em habilidades sociais (MURTA, 2005). Algumas das formas de intervenção comumente utilizadas são: escalas, inventários e testes de habilidades sociais; cenários comportamentais; entrevistas e questionários etc. (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2009). De acordo com os objetivos, esta intervenção pode ser dividida em: prevenção primária, destinada a pessoas que estão expostas a fatores de risco, mas que ainda não têm déficits em suas relações interpessoais, visando um incremento das HS de modo a minimizar a chance de problemas interpessoais futuros; prevenção secundária, para pessoas que já estão sob contingências de risco para problemas interpessoais; e prevenção terciária, que visa minimizar consequências de déficits acentuados em habilidades sociais já instalados, sem pretensão de cura (MURTA, 2005).

O *estilo assertivo* é aquele em que o indivíduo, em uma situação que envolve risco de reação indesejável, se comporta de modo a garantir seus direitos e expressar seus pensamentos e sentimentos sem violar o direito do outro. Tendo em vista que as situações que requerem este tipo de comportamento costumam ser aversivas, e, conseqüentemente, gerar ansiedade por envolverem risco de conseqüências punitivas, o indivíduo que possui um padrão de comportamento interpessoal assertivo se comportará de modo a, após fazer uma discriminação do ambiente social em que se encontra, expressar seus sentimentos sem excesso assim que possível. Deste modo, esse indivíduo será capaz de evitar o aumento de frequência de respostas de ansiedade, apresentando, assim, autocontrole de respostas públicas e privadas (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2003). Os autores ainda afirmaram que a prática deste estilo de comportamento proporciona vantagens em relação à passividade e à agressividade.

Os depoimentos indicam que a mudança para um estilo assertivo pode gerar reações bastante diferentes nas pessoas. As mais comuns são: a) estranhamento (“Você está diferente”); b) discordância (“Prefiro-a com seu jeito mais doce”); c) admiração (“Puxa, você agora está mais decidido”). Em relação a si próprias, as pessoas apontam ganhos em termos de: a) satisfação pessoal e autoestima; b) autocontrole e diminuição da ansiedade; c) ampliação dos relacionamentos e da qualidade destes (p. 148).

Falcone (2001) alertou que as conseqüências a curto prazo de emitir comportamentos assertivos podem não ser inicialmente positivas, mas, a médio e longo prazo, as pessoas assertivas são vistas como autênticas, honestas, diretas e conseguem

estabelecer relações saudáveis e sólidas, especialmente quando o desempenho da assertividade é articulado com o da empatia. Contudo, Del Prette e Del Prette (2010) argumentaram que:

Esses critérios podem também operar sob esquemas concorrentes, implicando escolhas por um desempenho menos competente, não causado por déficits de habilidades assertivas, mas por uma avaliação mais acurada das consequências prováveis em longo prazo (p. 107).

Esse é o caso, por exemplo, de uma criança, com repertório de habilidades assertivas bem elaborado, que mesmo tendo ciência de que está correta, releva alguma grosseria dos pais, evitando, desta forma, consequências aversivas imediatas (e.g. piorar ainda mais a situação).

2.2 Habilidades Sociais Na Infância e Comportamentos Governados por Regras - Modelação

Na medida em que busca identificar variáveis que influenciam a aquisição de padrões de comportamento por meio das interações entre organismo e ambiente, o campo de estudo da Psicologia volta seu interesse para a criança (ÁVILA, 2006). Skinner (1953/2003) afirmou que as crianças começam a interagir com as contingências ambientais às quais estão expostas assim que nascem, sendo estas contingências fornecidas, em maior parte, por outras pessoas.

O meio social impõe que os indivíduos, independentemente de sua faixa etária, devem desenvolver um repertório de habilidade sociais cada vez mais elaborado (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2005a). De acordo com Caldarella e Merrell (1997 apud BOLSONI-SILVA, 2010), as crianças precisam apresentar: habilidades acadêmicas (tirar dúvidas, seguir as orientações do professor, saber trabalhar de forma independente); habilidades de autocontrole (controlar o humor, negociar, lidar com críticas); habilidades de relacionamentos com pares (cumprimentar, elogiar, oferecer ajuda, convidar os colegas para brincar); habilidades de ajustamento (atender a pedidos; seguir regras e instruções, usar tempo livre de forma apropriada); habilidades assertivas (responder a cumprimentos, iniciar conversação, aceitar e recusar convites). Del Prette e Del Prette (2005a), em complemento, propõem um sistema de sete classes de HS para esta mesma população: (1) autocontrole e expressividade emocional; (2) civilidade; (3) empatia; (4) assertividade; (5) fazer amizades; (6) solução de problemas interpessoais; e (7) habilidades sociais acadêmicas.

Na sociedade em que vivemos, o bem-estar e felicidade das crianças estão muitas vezes associados à ausência de problemas, diversão e conforto. Embora estes

sejam aspectos importantes e que não devem ser ignorados, este bem-estar pode ser ampliado com a melhoria dos relacionamentos interpessoais (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2005a). Assim, pode-se afirmar que um repertório elaborado de HS pode trazer benefícios para o desenvolvimento infantil, além de aumentar a capacidade da criança para lidar com situações adversas e estressantes e proporcionar reforçadores sociais importantes como fazer amizades, adquirir independência, responsabilidade e status no grupo (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2005a; GONÇALVES; MURTA, 2008).

Por outro lado, um repertório de habilidades sociais empobrecido pode acarretar em problemas comportamentais e emocionais que acompanham diferentes transtornos psicológicos. Estes problemas são classificados em dois grupos: *internalizantes*, que se expressam em relação ao próprio indivíduo e são identificáveis em transtornos depressivos, isolamento social, ansiedade e fobia social; *externalizantes*, que se expressam em relação a outras pessoas e são mais frequentes em transtornos que envolvem agressividade física e/ou verbal, comportamentos opostos ou desafiantes e condutas antissociais (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2005a). Del Prette e Del Prette (1999; 2005a) destacaram as falhas na aprendizagem no que diz respeito à aquisição (ausência total da habilidade requerida), desempenho (presença ocasional da habilidade requerida) e fluência (habilidade emitida não possui a proficiência necessária para produzir os resultados esperados) como algumas das principais hipóteses explicativas para as dificuldades interpessoais.

A agressividade presente na infância, segundo Del Prette e Del Prette (2005a), pode estar relacionada tanto a déficits em componentes da competência social (como baixo autocontrole e percepção equivocada dos fatos e normas sociais) como a uma pseudocompetência, dita desta forma, pois embora os comportamentos emitidos (condutas desafiantes, comportamento opositor, estilo coercitivo ou dissimulado) sejam formas de enfrentamento que podem produzir consequências imediatas favoráveis ao indivíduo, estes não atendem aos critérios de competência social.

Ainda de acordo com estes autores, “a plasticidade do comportamento social na infância justifica a necessidade de investimento na promoção de saúde e bem-estar, por meio de estratégias educativas e terapêuticas” (p. 28). Tendo isso em vista, estudos têm sido realizados mostrando como a utilização de recursos como contos de fadas/histórias infantis, vídeos e filmes pode ser útil para o desenvolvimento de um repertório socialmente adequado em crianças e adolescentes (PARACAMPO et al., 2009;

ALMEIDA, 2009; VASCONCELOS, 2006; OLIVEIRA, 2014; COSTA; SILVA; LIMA, 2014; COMODO et al., 2011; COMODO et al., 2013; GARDELHA-SARMET; DE JESUS; XIMENES, 2014; QUINTEIRO, 2014).

A literatura da Ciência Analítico-Comportamental e do campo das HS indicam que as crianças aprendem comportamentos novos por meio de diversas estratégias, dentre elas a modelação e o controle comportamental por regras (COMODO et al., 2011).

Para Skinner (1953/2003), na modelação o comportamento do modelo funciona como um estímulo discriminativo diante do qual o comportamento do observador tem maior probabilidade de ser reforçado.

Saldaña, Del Prette e Del Prette (2002) complementaram afirmando que

[...] a aprendizagem básica para a aquisição de habilidades sociais é a observacional, na qual os eventos perceptuais, simbólicos ou sensoriais, possuem propriedades de sinalização que posteriormente servem como estímulos discriminativos para as mesmas respostas abertas que foram observadas. Com isto, o observador tende a emitir a mesma resposta diante de situações semelhantes ou, no caso de punição, inibi-la (p. 275).

Em concordância com esta afirmação, Baldwin e Baldwin (1986) chamaram de imitação inversa o comportamento do observador de não se comportar de forma semelhante ao modelo em casos em que o comportamento do modelo é punido. Deste modo, uma criança, por exemplo, que observa o irmão ficar de castigo (i.e., punição) ao comer doces antes do jantar, possivelmente terá menor probabilidade de se comportar da mesma forma. Por outro lado, a criança que observa o amigo ser elogiado pela professora ao contribuir durante a aula (i.e. reforço), terá uma probabilidade maior de se comportar deste modo. A mudança no comportamento do observador pode ocorrer imediatamente após a observação do comportamento do modelo, após um período de tempo ou nunca² (BALDWIN; BALDWIN, 1986).

Ainda no que diz respeito à modelação, Baldwin e Baldwin (1986) destacaram a aprendizagem vicariante, ou seja, a aprendizagem de um novo comportamento sem prévia exposição a ele por parte do observador. Segundo os autores, um observador pode aprender a imitar um comportamento que nunca viu antes, exclusivamente através da observação. Por exemplo, uma criança que assistiu a um desenho impróprio para sua idade em que são ensinados gestos obscenos (sem nunca ter tido contato com este tipo de contingência anteriormente), poderá surpreender seus pais ao começar a emitir estes

² Neste caso, a partir da ciência analítico-comportamental, não é correto falar de aprendizagem, visto que não houve mudança no comportamento do indivíduo.

gestos por ter entrado em contato com o desenho. Contudo, de acordo com Skinner (1953/2003), a duplicação do comportamento observado não é sempre precisa, pois é influenciada pelo repertório comportamental que o indivíduo já possui.

Um repertório socialmente habilidoso, portanto, tem relação direta com a escolha de modelos a serem imitados (SALDAÑA; DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2002). Na medida em que o indivíduo aprende a imitar comportamentos com maior probabilidade de reforçamento para si e para o grupo, tenderá a possuir relações interpessoais mais saudáveis e, conseqüentemente, mais qualidade de vida e bem-estar.

Almeida, Bataglini e Verdu (2009) argumentaram que histórias com estímulos verbais textuais permitem observar descrições de contingências não necessariamente dirigidas ao leitor. Para as autoras, muitas regras são direcionadas aos personagens ou ficam implícitas em alguns enunciados. Deste modo, as histórias ganham função de uma instrução, na medida em que são estímulos verbais que controlam determinados comportamentos. Tendo em vista que para Skinner (1974/2006, p. 108) “as regras tornam mais fácil tirar proveito das semelhanças entre contingências”, pode-se afirmar que as crianças, tendo sido instruídas por determinada história e estando em situação similar à ocorrida com o personagem, podem vir a se comportar de forma semelhante à descrição das mesmas.

Segundo Skinner (1969/1980), regras são estímulos especificadores de contingências que funcionam como estímulo discriminativo. Pode-se afirmar então que comportamento governado por regras é aquele que é emitido sob controle de antecedentes verbais que descrevem o comportamento e suas variáveis. Diferente do comportamento modelado pelas contingências, em que há contato direto com as condições do ambiente e suas conseqüências, o comportamento governado por regras é evocado por uma descrição destas condições, sem necessariamente um contato prévio com as conseqüências imediatas que produz.

A substituição de contingências naturais por antecedentes verbais aumenta o alcance do controle por regras, visto que por meio de uma instrução pode-se modificar o comportamento de um ouvinte em situações em que as conseqüências naturais são ineficientes ou eficazes apenas em longo prazo (CATANIA, 1999). Por exemplo, a instrução “Para chegar ao seu destino, vire à direita” é eficaz, pois informa ao ouvinte o comportamento que deve ser emitido (virar à direita) e permite o acesso ao reforço (chegada ao destino) sem que seja preciso experienciar todas as possibilidades (e.g. virar à esquerda, seguir em frente); corroborando a afirmação de Skinner (1974/2006)

de que regras podem ensinar mais rapidamente comportamentos do que a aprendizagem por contingências.

Matos (2001) descreveu que, para a aquisição de novas habilidades motoras complexas que requerem uma sequência de respostas fixas, como aprender a tocar violão, por exemplo, é mais eficaz que esta aquisição tenha início sob controle de regras. Na medida em que certo grau de competência é desenvolvido, o controle deve passar para as contingências naturais do comportamento do indivíduo (e.g. o som que é produzido pelo instrumento, o feedback da posição dos dedos). Ainda segundo a autora, para a aquisição de uma habilidade conceitual abstrata, como desenvolver uma fórmula matemática, o controle por contingências naturais é mínimo, enquanto o exercido pelas regras vai ficando cada vez mais elaborado.

Comportamentos governados por regras e modelados pelas contingências possuem topografias e consequências semelhantes entre si, embora possuam propriedades distintas. O primeiro permite a aprendizagem sem a necessidade de exposição à ação seletiva das consequências imediatas, possui alta eficácia (reforço a curto prazo), força e se instala com rapidez; o segundo se adequa melhor a mudanças no ambiente, se instala com mais lentidão e, por este motivo, fornece reforço a longo prazo. Por outro lado, o controle por regras possui uma grande desvantagem, pode tornar o comportamento por ele estabelecido bastante persistente e pouco adaptativo a mudanças nas contingências (ALBUQUERQUE; MESCOUTO; PARACAMPO, 2011). Por exemplo, a regra “Não ande sozinho à noite, pois pode ser perigoso” tem a vantagem de permitir que uma pessoa aprenda que não deverá sair sozinha à noite, sem que para isso tenha que experienciar o perigo. Contudo, tem a desvantagem de poder tornar o comportamento de não sair à noite insensível a mudanças nas contingências, ou seja, o indivíduo pode continuar seguindo a regra mesmo em situações em que não haja perigo.

Skinner (1974/2006) destacou que uma pessoa que se comporta sob controle de regras (seguindo um conselho, instrução ou lei) não se comporta da mesma maneira que outra que tenha sido diretamente exposta às contingências, porque uma descrição das contingências nunca é totalmente precisa e fiel à própria contingência. Sendo assim, um indivíduo que aprende a falar uma nova língua apenas baseado em um dicionário (regra) não terá a mesma desenvoltura que outro indivíduo que aprendeu por meio de vivências (e.g. conversação, filmes, músicas) e contato com a comunidade verbal, embora ambos possuam o conhecimento do idioma. Skinner (1974/2006) apontou o controle exercido por instrução, regras e leis como mais ostensivo que o exercido pelas contingências, na

medida em que o último é mais sutil e parece significar maior contribuição pessoal e valor interno. Para o autor, fazer o bem porque se é reforçado pelo bem dos demais merece maior apreço do que fazê-lo porque a lei assim exige.

De acordo com Chase e Danforth (1991) as regras podem ser classificadas em prescritivas ou descritivas. Regras prescritivas especificam o comportamento a ser emitido por um determinado ouvinte. Regras descritivas, por outro lado, nem sempre especificam o comportamento que produz o reforço, ou, quando o fazem, não especificam que este comportamento deve ser emitido por um ouvinte específico. Como exemplo, pode-se citar uma situação em que um pai diz ao seu filho: “Sua mãe comentou que está com dor nas costas, então não consegue fazer as atividades domésticas”. Neste caso, a regra é descritiva, pois não especifica o comportamento passível de reforço. Contudo, se o pai dissesse “Ajude sua mãe com os afazeres domésticos, pois ela está com dor nas costas”, a regra seria do tipo prescritiva.

Os indivíduos são expostos a regras sociais a maior parte do tempo, seja em casa, na escola, no trabalho ou em qualquer interação social, visto que para que haja uma regra, é necessário que haja um falante e um ouvinte. Dessa forma, é na infância o período em que os indivíduos são expostos a maior quantidade de regras, tendo em vista que há muito a ser aprendido.

As regras sociais presentes no ambiente, segundo Lemes, Bueno e Bueno (2011), tem relação direta com a origem dos comportamentos apropriados e inapropriados emitidos pelas crianças. As autoras apontaram o contexto familiar, o envolvimento e desempenho dos pais como principais responsáveis pela gênese, desenvolvimento e manutenção destes comportamentos em seus filhos. Deste modo, concluíram que pais socialmente habilidosos estipulam regras que proporcionam aos seus filhos um repertório comportamental socialmente habilidoso.

Enquanto primeiros e principais educadores, os pais fornecem regras aos filhos desde muito cedo. “Respeite os mais velhos”, “Não coma de boca aberta”, “Olhe para os lados antes de atravessar a rua” etc. são instruções que comumente são repassadas de geração para geração, evidenciando o controle do terceiro nível de variação e seleção – nível cultural. Por serem emitidas por figuras de referência e terem um histórico para os comportamentos de consequências de reforço/punição bem definido, tais regras são consideradas fortes, enraizadas e instaladas no repertório dos filhos.

A estipulação de limites e regras por parte dos pais é constituinte do desenvolvimento e educação das crianças, visto que a infância é o período em que o

indivíduo começará a aprender os valores que servirão de base para a sua formação. A existência e cumprimento destes limites e regras têm relação direta com a socialização e convivência bem-sucedidas das crianças, ao mesmo tempo em que estas quando privadas de limites e regras podem crescer com uma percepção do outro comprometida, importando-se apenas com o próprio bem-estar (ARAUJO; SPERB, 2009; ALMASAN; ÁLVARO, 2006). Del Prette e Del Prette (2001), em complemento, destacaram que se deve considerar a importância de pessoas no contexto formal (e.g. escola, igreja) e informal (e.g. família, amigos) para auxiliar a criança no processo de aquisição de regras e limites.

No que diz respeito à aprendizagem de regras, Lopes, Maes e Vieira (2011) apontaram a importância de, na educação das crianças, destacar a notória diferença entre autoritarismo e autoridade. O primeiro é caracterizado pela imposição de regras arbitrárias que não permitem a compreensão de sua origem, o que pode acarretar em diversos prejuízos à criança, inclusive a reprodução da agressividade. O segundo, por outro lado, trata-se de apresentar regras de forma justa e bem explicada, o que pode auxiliar no desenvolvimento emocional da criança.

Dessa forma, as questões apontadas acima permitem compreender a influência que o ambiente social, educacional e familiar tem sobre o desenvolvimento de repertórios nas crianças, em destaque para o desenvolvimento de HS. De outra forma, modelos e regras sociais que favoreçam a instalação de comportamentos socialmente habilidosos são importantes para a construção de relações mais saudáveis e que garantam o equilíbrio de reforçadores.

2.3 Contos de Fadas

Os contos de fadas, inicialmente voltados para o entretenimento do público adulto, costumavam ser transmitidos através da linguagem oral, de geração para geração, até finalmente passarem para a linguagem escrita (GÓES, 1991). Os primeiros contos de fadas voltados para o público infantil foram publicados por Charles Perrault, no final do século XVII, com o intuito de adequar estas histórias ao gosto da corte francesa do Rei Luís XIV, a quem não interessava ouvir sobre violência e sexualidade – principais tópicos anteriormente abordados neste gênero literário (FALCONI; FARAGO, 2015). Os finais antes trágicos foram alterados de modo a oferecerem uma moral da história de forma lúdica, um ensinamento que pudesse ser transmitido através da vivência dos personagens e que pudesse estabelecer nos indivíduos comportamentos

éticos e morais importantes para a cultura (ALMEIDA; BATAGLINI; VERDU, 2009; SBARDELOTTO; DONELLI, 2014).

Nos últimos anos, os contos de fadas (também chamados de histórias infantis) têm ganhado destaque no cenário literário e acadêmico, sendo alvo de diversas análises e estudos que tentam compreender a influência que estes exercem sobre o comportamento daqueles que os leem – em sua maioria, o público infantil.

Vasconcelos (2006) afirmou que a leitura de histórias infantis, desde os primeiros anos de vida, possibilita um desenvolvimento em diversos aspectos que poderá resultar em uma criança observadora, reflexiva, crítica, sensível às necessidades do outro e capaz de expressar seus sentimentos e pensamentos. Falconi e Farago (2015) complementaram afirmando que através das histórias, as crianças desenvolvem: a capacidade de dar sequência lógica aos fatos, o apreço pela leitura, a ampliação do vocabulário e a linguagem oral e escrita.

2.3.1 Estudos que demonstram a influência de contos de fadas, vídeos e filmes sobre o comportamento infantil

Tem sido alvo de estudos a influência de recursos como contos de fadas, vídeos e filmes. Huesmann et al. (2003) em um estudo longitudinal, analisaram a influência que programas infantis contendo violência possuíam no desenvolvimento infantil. Os pesquisadores, em 1977, avaliaram a percepção de 557 crianças, com idade entre 6 e 10 anos, sobre programas violentos de televisão. Quinze anos depois, voltaram a avaliar 329 destes participantes, neste momento com 20 anos de idade, assim como outras pessoas de seu convívio. Os resultados mostraram que os indivíduos que foram avaliados enquanto adultos com comportamentos violentos e agressivos, haviam frequentemente assistido, enquanto crianças, a programas violentos e se identificado com personagens violentos do mesmo sexo (como o Pernalonga e a Mulher Biônica). Segundo os pesquisadores, por ver o personagem violento ser recompensado por agir violentamente e por acreditar que aquelas situações demonstravam a realidade, a criança agiria da mesma forma. Contudo, também identificaram que, caso um dos pais manifestasse sua opinião sobre o programa de modo negativo, demonstrando a irrealidade do fato, este programa passaria a ter menos impacto sobre a criança. Deste modo, os pesquisadores concluíram o estudo destacando a influência que o comportamento dos personagens pode ter sobre o comportamento das crianças (a curto e longo prazo). Além disso, discutiram a importância dos pais assistirem à programação

infantil ao lado dos filhos ou, pelo menos, comentarem sobre os programas por eles assistidos, o que faria com que reduzisse a percepção das crianças de que a violência ali exposta é real.

Paracampo et al. (2009) fizeram um estudo intitulado “Análise do controle por regras apresentadas em histórias infantis”. Os autores propuseram que grande parte dos livros infantis exerce controle a partir de regras descritivas, ou seja, as regras presentes nestes livros não especificam com clareza o que o ouvinte/leitor deve ou não fazer. Para isso, realizaram experimentos com crianças envolvendo uma história contendo uma regra que especificava o comportamento de doar bombons e outra história que não especificava tal comportamento, para analisar se estas exercem efeitos diferentes sobre o comportamento dos indivíduos. Durante o experimento, fase 1, as crianças eram convidadas a participar de uma brincadeira chamada “Parte-reparte” em que, após receberem 10 bombons, deveriam colocar em um envelope branco os bombons que gostariam de doar aos amigos e em um envelope amarelo os que gostariam de manter para si. Após este momento, na fase 2, o grupo era dividido em dois: para uma metade foi lida uma história que envolvia a regra de que crianças que doam alimentos têm mais amigos e para a outra metade foi lida uma história sobre animais da fauna brasileira. Em seguida, na fase 3, as crianças eram convidadas a brincar de “Parte-reparte” novamente. No final do experimento, ao fazer uma comparação entre as fases, os autores concluíram que a regra que especificava que crianças que doam alimentos têm mais amigos para brincar contribuiu para aumentar o número de doações na fase 3. Em suma, os autores chegaram à conclusão de que os efeitos das histórias infantis dependem, em grande parte, das regras que essas histórias apresentam. Deste modo, o conteúdo das histórias deveria ser considerado como uma variável que pode interferir no comportamento dos leitores.

Almeida (2009) propôs um estudo para investigar se o comportamento das crianças após a leitura de histórias poderia sofrer influências das contingências contidas nestas. O objetivo principal era identificar se, em situações semelhantes às descritas nas histórias lidas, as crianças emitiriam as mesmas respostas emitidas pelos personagens. Durante a realização do experimento, após a fase de ambientação, uma criança era convidada pela pesquisadora a ajudá-la na organização de uma festa surpresa. Inicialmente, a criança era instruída a ler uma história sobre uma festa de aniversário em que, ao ser deixada sozinha com os doces, uma criança comia alguns deles antes do início da festa. A pesquisadora dividiu o experimento em condições diferentes para três

grupos: na primeira condição a história inicial não possuía consequências finais aversivas para o comportamento de comer os doces antes da hora; na segunda condição a história possuía consequências aversivas (insatisfação do grupo) para este mesmo comportamento; na terceira condição o comportamento dito como inadequado não era emitido. Em seguida, uma situação similar à ocorrida na história ocorria durante o experimento (a criança era deixada sozinha com os doces da festa enquanto a pesquisadora saía por cinco minutos). Após a volta da pesquisadora e a realização de atividades lúdicas, a criança era instruída a ler uma segunda história (oposta à lida anteriormente, no caso das condições um e dois) e o experimento findava com a realização da festa. Almeida (2009), analisando a frequência de comportamentos direcionados para os doces (olhar ou tocar), concluiu que a história exerceu controle em relação à emissão de comportamentos por parte das crianças.

Vasconcelos (2006) utilizou em sua obra “Brincando com Histórias Infantis” os contos “Branca de Neve e os Sete Anões”, “Pinóquio”, “Peter Pan” e “No Reino das Águas Claras” para discutir os padrões comportamentais dos personagens presentes nestes livros e a relação que as histórias possuem com o desenvolvimento infantil. Também destacou a importância destas histórias para a construção de intervenções na prática clínica analítico-comportamental infantil e em outras áreas como a educação, por exemplo. Introduziram-se as quatro histórias acompanhando-as de interpretações analítico-comportamentais das contingências vividas pelos personagens, apresentando análises de contingências de cada uma delas, envolvendo comportamentos apropriados e inapropriados dos personagens. Sua obra contribui para a otimização dos benefícios proporcionados pelas histórias às crianças, visto que as análises apresentadas no livro permitem, por exemplo, sugerir aos profissionais que trabalham com crianças (sendo eles psicoterapeutas ou educadores) formas alternativas para lidar com momentos críticos das histórias. Pode-se citar como exemplo a expressão constante de raiva por parte da madrasta da Branca de Neve, que Vasconcelos (2006) usou como ponte para tratar da necessidade de que haja espaço para a manifestação de sentimentos negativos, visto que estes fazem parte do nosso dia-a-dia e não podem ser evitados.

Oliveira (2014) fez uso da animação “Detona Ralph” para abordar a temática da Terapia de Aceitação e Compromisso (ACT), modelo terapêutico que utiliza, dentre outras teorias, a Análise do Comportamento como fundamentação e que propõe que os clientes aceitem seus eventos privados/encobertos aversivos e busquem uma vida orientada por seus valores pessoais (sendo o ato de aceitar sem relação alguma com agir

passivamente diante destes eventos). A animação escolhida é marcada pelo personagem principal, Ralph, que não aceita sua condição de vilão em um jogo de videogame e deseja ganhar uma medalha, prêmio que os heróis dos jogos ganham ao fim da partida. O objetivo da autora, ao fazer esta discussão, foi discutir como este filme poderia ser utilizado como recurso na terapia. Oliveira (2014) destacou que da mesma forma como Ralph tenta se livrar de seu título de vilão, o que faz com que ele não encontre alternativas eficazes para alcançar seus objetivos, existem clientes que, na tentativa de exercer controle sobre eventos privados/encobertos aversivos, acabam por restringir seu repertório e perder seus valores. O filme então possibilitaria discutir com o cliente (de qualquer faixa etária) “em que situações de sua vida ele está lutando para ‘deixar de ser vilão’” (p. 104), o que acarretaria em novas possibilidades, alterando assim as funções dos estímulos e ampliando repertórios de aceitação e compromisso.

Costa, Silva e Lima (2014), ainda dentro da temática da ACT, fizeram uso da história infantil “O Pequeno Príncipe” para discutir a utilização de metáforas na psicoterapia. Tendo como ponto de partida a afirmação de Skinner (1957/1978) de que a metáfora constitui um recurso eficaz e frequentemente utilizado na ausência de outras respostas disponíveis no repertório verbal do cliente, as autoras propuseram a utilização das metáforas apresentadas nesta história infantil como recurso terapêutico para discutir aspectos da vida do cliente, proporcionar reflexões e identificar contingências.

Quinteiro (2014) discutiu sobre o desenvolvimento do autoconhecimento e da responsabilidade e a interação entre grupos a partir do filme infantil “Irmão Urso”. Este filme conta a história de um jovem índio, Kenai, que não tinha uma boa relação com ursos, pois acreditava que estes eram “sem serventia” por não serem fontes de alimento para seu povo, além de serem “animais ladrões” (roubavam toda a comida que encontravam). Após o falecimento de seu irmão Sitka em um acidente com um urso e de conseguir se vingar do animal, Kenai acaba sendo magicamente transformado em um urso pelos espíritos da floresta, o que faz com que o rapaz entre em contato com novas contingências. Quinteiro (2014) destacou que o preconceito de Kenai contra os ursos (algo que infelizmente não é explorado no filme), mostra que as crianças aprendem determinados conceitos, ao longo de seu desenvolvimento, em suas interações com os demais, ressaltando assim a importância da modelação e da exposição direta às contingências como meios eficientes de aprendizagem. A autora, ao falar sobre a relação de Kenai com seu outro irmão, Denahi, destacou a rivalidade que existia entre os dois e a forma como esta relação influenciava para que Kenai emitisse

comportamentos agressivos (como querer ser o primeiro a entrar na canoa para pescar ou ir sozinho atrás do urso que causou a morte de seu irmão mais velho para buscar vingança). Tendo como base o relacionamento turbulento entre os dois irmãos, Quinteiro destacou a importância do incentivo e apoio da família para que a criança aprenda a emitir comportamentos tidos como adequados em seu meio social, sinta segurança e seja reconhecida.

Comodo et al. (2011), realizaram um estudo em que elaboraram um vídeo como recurso para a promoção de HS de pré-escolares. O vídeo, chamado “O passeio de Bia”, relata a história de uma garotinha de 6 anos que passa por algumas situações cotidianas desta faixa etária: ter que fazer um pedido para a mãe, ajudar uma senhora na rua, convidar alguns amigos para brincar, recusar carona de um desconhecido etc. Durante o decorrer da história, a personagem reflete em voz alta sobre qual seria a melhor alternativa de comportamento a ser emitido: reação habilidosa, reação não habilidosa ativa (agressividade, negativismo, ironia, autoritarismo) e reação não habilidosa passiva (fuga ou esquivas da situação); ela se comporta de uma dessas três maneiras e é conseqüenciada por isso. O vídeo foi assistido por 86 crianças de 3 a 6 anos, de uma escola particular do interior de São Paulo. Todas as crianças que participaram do estudo relataram que aprenderam algo com a personagem Bia, como negar carona de um desconhecido, ajudar os mais velhos e amigos, pedir “por favor” e agradecer, além de convidar um amigo para brincar quando ele estiver sozinho; o que evidencia este instrumento como um eficaz recurso lúdico no THS.

Em outro estudo, Comodo et al. (2013) abordaram o tema das HS em conjunto com a literatura infantil ao falar sobre a personagem Emília, das obras de Sítio do Picapau Amarelo, de Monteiro Lobato. Os autores, com o objetivo de compreender a influência que este tipo de recurso tem sobre a população e com a premissa de que as histórias infantis possuem uma função educativa, discutem a respeito dos comportamentos passivos, agressivos e assertivos da personagem, chegando à conclusão de que esta não apresenta dificuldades para se comportar de maneira assertiva, embora nem sempre o faça. Emília, segundo os autores, é uma personagem que se comporta em sua maioria de maneira agressiva, sendo este estilo de comportamento, na maioria das vezes, reforçado negativamente pelos demais personagens, fato que aumenta a probabilidade de Emília se comportar desta forma. A partir desta afirmação, os autores discutem que estes comportamentos, embora ocorram em um universo específico da obra e que difere do ambiente vivenciado pelas crianças, podem facilitar a

aprendizagem de padrões de comportamento agressivos nas crianças que entram em contato com estes livros.

Gardelha-Sarmet, De Jesus e Ximenes (2014), utilizaram a animação infantil “A nova onda do imperador” para abordar a temática das HS. Após detalhar sobre o repertório de HS de cada um dos personagens principais, sendo, em sua maioria, avaliados como não habilidosos, as autoras afirmaram que as habilidades sociais inadequadas emitidas pelos personagens são semelhantes às queixas frequentes apresentadas por crianças na clínica. Deste modo, concluíram que propor, com a criança, uma análise funcional do comportamento destes personagens e mostrar as consequências a longo prazo decorrentes dos comportamentos não habilidosos pode constituir uma forma mais branda de sinalizar a inadequação de comportamentos no repertório das crianças e fazer com que elas desenvolvam a auto-observação e autoconhecimento.

Diante do exposto, estudos que investigam a influência da literatura infantil na instalação e manutenção de repertórios socialmente habilidosos são de relevância para o campo da Psicologia e outras áreas de conhecimento como a Educação e a Linguística (FALCONI; FARAGO, 2015; CANTUÁRIA, 2018). Este estudo direciona-se à análise de interações sociais de um personagem da literatura infantil, apoiando-se em formulações conceituais do campo teórico das HS e com suporte analítico do Behaviorismo Radical de B. F. Skinner.

3. OBJETIVOS

3.1 Geral

- Analisar as interações sociais da personagem Alice, de “As aventuras de Alice no País das Maravilhas”.

3.2 Específicos

- Caracterizar as interações sociais: padrões de comportamentos assertivos, agressivos e passivos;
- Analisar funcionalmente os comportamentos sociais assertivos, agressivos e passivos da personagem.

4. MÉTODO

Esse estudo refere-se a uma pesquisa bibliográfica qualitativa descritiva e quantitativa. Enquanto pesquisa qualitativa descritiva, seu objetivo foi produzir novas informações aprofundadas e ilustrativas por meio da objetivação do fenômeno, hierarquização das ações de descrever determinada realidade, compreendê-la e explicá-la; obtendo as informações por meio do respeito ao caráter interativo entre os objetivos buscados na pesquisa, as orientações teóricas e seus dados empíricos (GERHARDT; SILVEIRA, 2009). Enquanto quantitativa, a pesquisa buscou quantificar os resultados obtidos, centrando-se na objetividade e recorrendo à linguagem matemática para descrever os fenômenos e as relações entre as variáveis (FONSECA, 2002). A utilização em conjunto da pesquisa qualitativa e quantitativa permitiu recolher mais informações do que se poderia conseguir isoladamente.

4.1 Fonte bibliográfica

Livro “*As aventuras de Alice no País das Maravilhas*” do autor Lewis Carroll, versão original em inglês publicada em 1875 na Inglaterra com o título *Alice's Adventures in Wonderland*. A versão consultada, em português, foi publicada no Rio de Janeiro pela Editora Zahar em 2013, contendo 114 páginas.

Figura 1 - Capa do livro "As aventuras de Alice no País das Maravilhas", de Lewis Carroll.



Fonte: Editora Zahar (2013).

4.2 Instrumentos e materiais

Obra “*As aventuras de Alice no País das Maravilhas*”, do autor Lewis Carroll, publicada em 2013 pela Editora Zahar; Quadro de análise da topografia e/ou

funcionalidade do comportamento (Quadro 1); Protocolo de análise das interações sociais (Ver Apêndice A).

4.3 Procedimentos

4.3.1 Coleta de dados

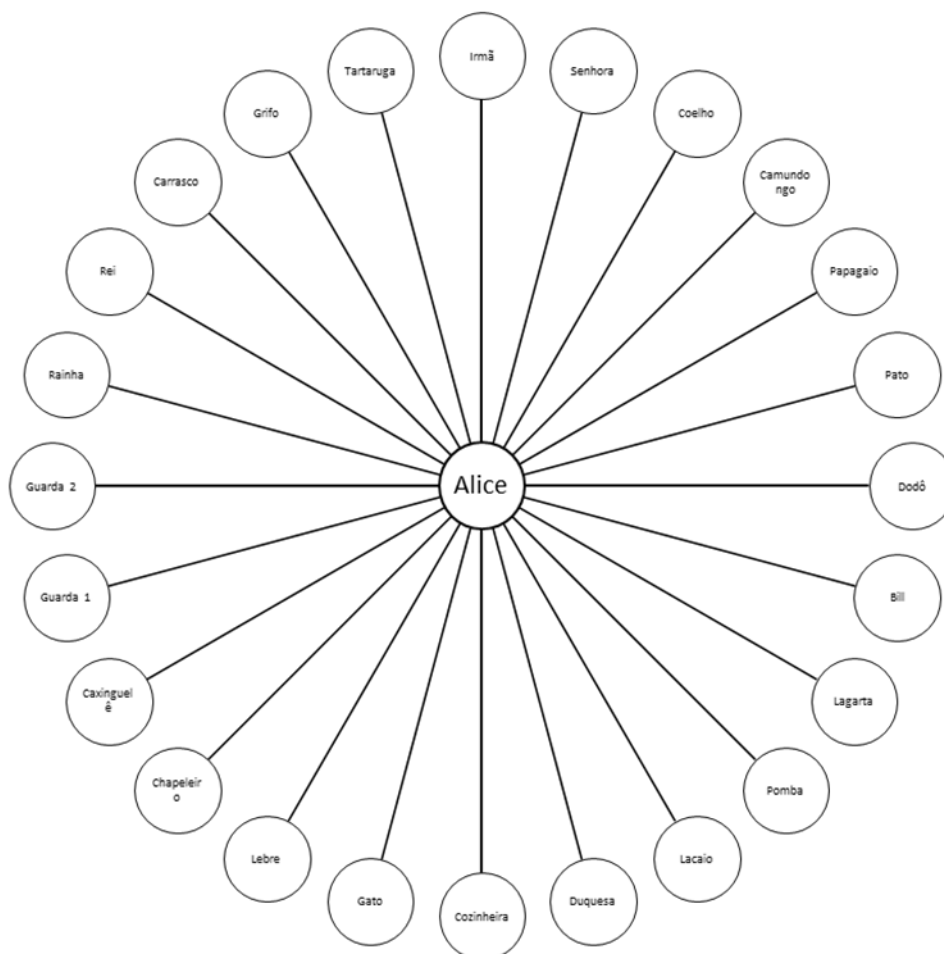
4.3.2.1 Leitura na íntegra de toda a obra

A pesquisadora fez a leitura da obra na íntegra e na sequência fez uma sinopse do livro que foi introduzida nesse estudo com o objetivo dos leitores terem acesso a uma síntese da obra em análise (Ver Apêndice B).

4.3.1.2 Identificação dos personagens com quem Alice interage ao longo da obra

Foi feita a identificação de cada personagem que Alice, a personagem que tem os comportamentos como foco de análise do estudo, interage ao longo da obra. Para auxiliar a identificação das relações. A imagem a seguir ilustra com que personagens Alice interage na obra.

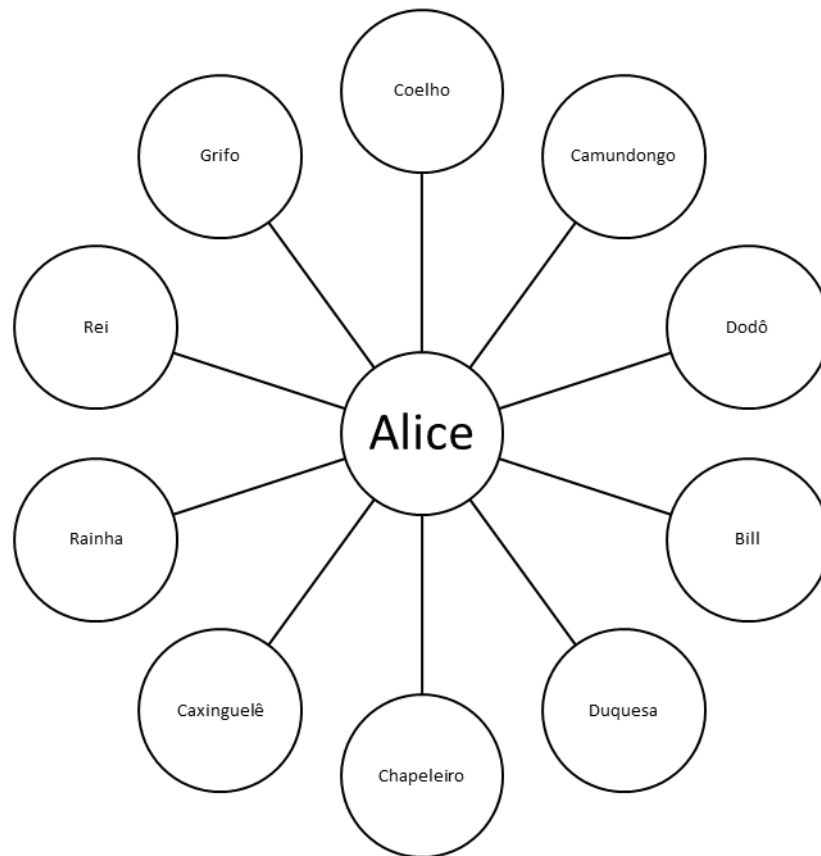
Figura 2 – Fluxograma com identificação dos personagens com quem Alice interage.



Fonte: elaborada pela autora.

Na sequência, foi elaborado um novo fluxograma destacando apenas os personagens que tiveram as interações como foco de análise.

Figura 3 – Fluxograma com identificação dos personagens que tiveram interações como foco de análise.



Fonte: elaborada pela autora.

4.3.1.3 Estabelecimento dos critérios para:

4.3.1.3.1 Escolha da interação social

Foram selecionadas pela pesquisadora interações sociais que ocorrem após situações conflituosas, ou seja, demandas sociais que podem exigir do interlocutor respostas punitivas, tomando como parâmetro o conceito de assertividade de Del Prette e Del Prette (2005a).

Assertividade é uma classe de habilidades sociais de enfrentamento em situações que envolvem risco de reação indesejável do interlocutor, com controle da ansiedade e expressão apropriada de sentimentos, desejos e opiniões. Ela implica tanto na superação da passividade quanto no autocontrole da agressividade e de outras reações não habilidosas. (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2005a, p. 175)

Durante a identificação das interações, foram consideradas como verbalizações dos personagens as sentenças narrativas, comentários e dicas do autor da obra quanto a componentes paralinguísticos.

Nesta etapa, a identificação dos fragmentos a serem analisados foi feita somente pela pesquisadora. Em função da obra ser extensa (114 páginas) e do tempo para conclusão do estudo, não foi viável leitura por juízes.

4.3.1.3.2 Caracterização das interações sociais

Para caracterização das interações sociais, foram utilizadas descrições operacionais topográficas e funcionais dos estilos comportamentais: agressivo, assertivo e passivo. As definições do Quadro 1 foram baseadas em Del Prette e Del Prette (2003), Marchezini-Cunha e Tourinho (2010) e Rich e Schroeder (1976).

Quadro 1 - Caracterização das interações sociais.

Estilos Comportamentais	Caracterização	Definição Topográfica	Definição Funcional
Agressivo	Baixo autocontrole dos comportamentos públicos e privados, autovalorização excessiva, violação dos direitos do outro e busca por resultados imediatos.	Olhar “fulminante”; tom de voz que transmite raiva e ressentimento; falar de modo muito alto e sem hesitação, encarar o interlocutor e falar imediatamente, quase interrompendo o interlocutor.	Produz estímulos aversivos ou perda de reforçadores para o grupo. É controlado predominantemente por consequências reforçadoras diversas de maior valor reforçador.
Assertivo	Autocontrole de respostas públicas e privadas. Em uma situação que envolve risco de reação indesejável, se comporta de modo a garantir seus direitos e expressar seus pensamentos e sentimentos sem violar o direito do outro.	Maior contato visual entre o indivíduo assertivo e seu interlocutor, maior uso de afirmações dotadas de afeto, tom de voz audível, verbalizações de maior duração, uso adequado de características paralinguísticas da fala.	Podem produzir tanto consequências aversivas para o grupo, como reforçadoras. Resulta em consequências reforçadoras diversas de menor magnitude (quando comparado com o modelo passivo).
Passivo	Dificuldade de expressar opinião e sentimentos, respostas de fuga e esquiva (mantidas por reforçamento negativo), direitos são constantemente ignorados.	Não olhar o interlocutor diretamente nos olhos; usar um tom de voz suave, hesitante, com uma pequena entonação que transmite vacilação; falar de maneira pouco clara e se posicionar curvadamente, sem encarar o interlocutor.	Produz consequências reforçadoras para o grupo (ou não produzem consequências aversivas). Predominantemente controlado por consequências de aprovação social, de maior valor reforçador.

Fonte: elaborado pela autora.

4.3.1.3.3 Definição e registro do início e término da interação social

Para definição e registro do início e término de uma interação social, foi preenchido um protocolo (Apêndice B) com os seguintes elementos: Contexto, Comportamento e Consequência (curto, médio e longo prazo). Os episódios que não permitiram a identificação ou inferência destes três elementos foram descartados da análise.

Para a elaboração das análises funcionais, foram realizadas as análises de contingências de controle comportamental – reforçamento positivo, reforçamento negativo, punição positiva ou punição negativa. Para tanto, foi utilizado o modelo de quadro de tríplice contingência proposto por Del Prette (2011).

4.3.1.3.4 Definição das interações sociais objetos de análise

Para definição das interações sociais dos estilos parentais, foi realizada a validação das interações sociais encontradas pela pesquisadora por seis juízes. Para compor o grupo de juízes, foram escolhidos seis estudantes, de graduação e pós-graduação, membros do Grupo de Pesquisa em Análise do Comportamento (GPAC) da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), com linha de pesquisa em Habilidades Sociais. O critério utilizado para considerar uma interação pertencente a um dos três estilos comportamentais: passivo, assertivo e agressivo, foi o proposto por Field (2009), que aponta 70% de concordância.

Os juízes receberam por e-mail um documento contendo as instruções para a análise e caracterização das interações e um quadro com quinze trípliques contingências de interações sociais identificadas pela pesquisadora na obra “*As Aventuras de Alice no País das Maravilhas*” (Ver Apêndice C). A tarefa consistia em analisar as interações sociais e caracterizar o comportamento da personagem Alice em: assertivo, passivo ou agressivo. Para que uma interação fosse tida como válida e pudesse ser objeto de análise neste estudo, deveria haver uma concordância mínima de 70% entre a caracterização dada por cada juiz.

Durante a leitura da obra, a pesquisadora identificou quinze interações passíveis de serem analisadas. Após a classificação dos estilos comportamentais por parte dos juízes, tendo em vista a proposta de Field (2009), uma das quinze interações sociais não foi validada, portanto foi excluída da análise.

4.3.2 Análise quantitativa e qualitativa dos dados

Foi realizada análise de estatística descritiva, que indicou a frequência absoluta e relativa de cada estilo de interação social. Este dado permitiu a identificação das situações e quais personagens produzem cada estilo de comportamento. E, análises qualitativas, por meio da identificação dos princípios básicos da Análise Experimental do Comportamento, para elaboração de hipóteses de instalação de manutenção de cada fenômeno comportamental dos estilos identificados.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Considerando os objetivos desta investigação, que consistiram em: analisar as interações sociais da personagem Alice, de “*As aventuras de Alice no País das Maravilhas*”; caracterizar as interações sociais em padrões de comportamentos assertivos, agressivos e passivos; e analisar funcionalmente os comportamentos sociais da personagem, esta seção do estudo apresentará e discutirá os dados identificados. Inicialmente serão apresentadas as caracterizações dos comportamentos sociais. Em seguida, as análises funcionais, elaboradas por meio da identificação de tríplexes contingências. Por fim, serão discutidas as possibilidades de interpretação, quanto a influência que a história “*As aventuras de Alice no País das Maravilhas*” pode exercer sobre o comportamento infantil.

5.1 Caracterização dos comportamentos assertivos, passivos e agressivos de Alice

Quanto aos comportamentos sociais, foram identificados 4 episódios³ de comportamentos assertivos, 5 episódios de comportamentos passivos e 5 episódios de comportamentos agressivos, totalizando quatorze interações. A Tabela 1 ilustra a frequência absoluta e relativa das interações caracterizadas.

Tabela 1 - Caracterização das respostas agressivas, assertivas e passivas da personagem Alice com todos os personagens com quem interage.

Estilo Comportamental	Frequência	
	Absoluta	Relativa
Assertivo	4	28,6%
Passivo	5	35,7%
Agressivo	5	35,7%
Quantidade total de interações	14	100%

Fonte: elaborada pela autora.

Observa-se, a partir da Tabela 1, que o número de interações identificadas foi pequeno (14) e que não há diferenças significativas nas frequências de interações para cada estilo, fato que reforça a discussão de que o comportamento dos organismos deve ser analisado dentro do contexto e não como uma resposta isolada, visto que o indivíduo não é um espectador indiferente a absorver o mundo, havendo, portanto, uma constante

³ O termo “episódios” refere-se às interações sociais protagonizadas pela personagem que tem seu comportamento como foco de análise.

interação entre organismo e ambiente (SKINNER, 1974/2006). A este respeito, Del Prette e Del Prette (1999) afirmaram que, considerando o caráter situacional e cultural das HS, estas devem ser analisadas enquanto um *continuum* em sua extensão. Deste modo, a relação entre componentes molares (habilidade global; e.g. assertividade) e moleculares (habilidades componentes; e.g. uso adequado de características paralinguísticas da fala) na avaliação dos estilos (agressivo, assertivo e passivo) nem sempre pode ser predeterminada. Ou seja, enquanto um *continuum*, um comportamento com características assertivas pode, em algum momento, ter características de um comportamento agressivo, dependendo do contexto. Como exemplo, uma pessoa com repertório comportamental tido como assertivo, em um contexto de conflito, pode precisar elevar seu tom de voz para que seja ouvida – topografia normalmente tida como pertencente ao estilo agressivo.

Em complemento a essa discussão, Guilhardi (2012) afirma que

[...] não se trata de apontar características ou traços de personalidade das pessoas, mas padrões comportamentais que interagem entre si e se complementam. As pessoas apresentam, em diferentes graus, comportamentos assertivos e inassertivos. A predominância de um padrão em relação a outro sugere uma rotulação arbitrária (uma pessoa é rotulada como inassertiva se comportamentos inassertivos prevalecem, embora possa em determinados contextos se comportar de forma assertiva) (p. 2).

Portanto, pode-se afirmar que não existe uma pessoa com um perfil comportamental assertivo, passivo ou agressivo. Acreditar nesta totalidade seria desconsiderar as variáveis situacionais envolvidas no processo interacional, que são as principais responsáveis pela explicação do comportamento. Deste modo, pode-se afirmar também que os estilos aqui estudados não fazem parte de um traço da personalidade, como preconizam teorias psicológicas internalistas. Mas, que são produtos de contingências ambientais, ou seja, dependem das condições do ambiente e das experiências de aprendizagem que nele ocorrem (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2005a). Tendo isso em vista, baseando-se apenas na Tabela 1, não seria possível categorizar o repertório comportamental predominante em Alice enquanto assertivo, passivo ou agressivo. Contudo, sugerem-se as análises situacionais com fins de identificação de possíveis contextos que seriam mais difíceis de serem manejados pela mesma, ou seja, que favoreçam a emissão de comportamentos considerados não habilidosos socialmente.

Nessa direção, a partir dos dados apresentados na Tabela 1 e partindo-se do princípio de que os estilos agressivo e passivo são estilos socialmente inadequados

(DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2003), pode-se observar que das quatorze (100%) interações protagonizadas por Alice, dez (71,4%) foram interações não habilidosas (agressivas e passivas). Pode-se afirmar, então, que a personagem possui déficits de HS contextual, ou seja, Alice apresenta dificuldades de se expor em situações que envolvem risco de reação indesejada do interlocutor. Dito de outra forma, Alice possui déficits de assertividade (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2003).

Deste modo, para uma análise de aplicabilidade no contexto clínico, sugere-se a leitura do livro com clientes com queixas semelhantes, isto é, déficits de HS, e na sequência a identificação de comportamentos que são emitidos pelo cliente, com o objetivo de produzir autoconhecimento no mesmo, conforme os objetivos de estudos propostos por Vasconcelos (2006), Oliveira (2014), Costa, Silva e Lima (2014), Quinteiro (2014) e Gardelha-Sarmet, De Jesus e Ximenes (2014).

Dependendo da avaliação do caso, e avaliando-se a necessidade de intervenção, sugere-se a utilização do Treino de Habilidades Sociais Assertivas – THSA. Um exemplo da aplicação desse Treino pode ser identificado em Del Prette e Del Prette (2001). Os autores propuseram uma atividade simples, intitulada “*Nem passivo, nem agressivo: assertivo!*”, que pode ser feita com o objetivo de permitir que os clientes façam a distinção entre os comportamentos assertivo, passivo e agressivo. Inicialmente é feita pelo terapeuta uma apresentação do conceito de assertividade e uma distinção (nos níveis: verbal, topográfico e funcional) entre os três estilos de resposta. Uma vez que todos os participantes assinalarem terem entendido as diferenças entre os três estilos de resposta, são distribuídos três cartões de cores diferentes a cada membro do grupo, cada uma das quais representa um tipo de comportamento (verde – assertivo, amarelo – passivo, vermelho – agressivo). Vão sendo apresentados (por meio de vídeos, histórias, representações de cenas etc.) diferentes comportamentos e o grupo tem que qualificar o tipo de comportamento que acreditam estar sendo representado, levantando, todos ao mesmo tempo, o cartão correspondente. Em seguida, discutem-se as concordâncias e discordâncias, pedindo que explicitem os critérios utilizados na avaliação direcionando a análise para: a) a topografia do desempenho; b) a adequação ou não à situação ou demanda; c) os direitos exercidos, não exercidos ou violados; d) as consequências ocorridas ou prováveis, a curto e médio prazo, para o personagem principal e para a relação. Este exercício possibilitaria, segundo os autores, que os clientes: a) identifiquem critérios que permitem classificar o desempenho social como assertivo, agressivo ou passivo; b) identifiquem direitos interpessoais exercidos, não exercidos e

violados nas relações; c) percebam desempenhos socialmente adequados e inadequados; d) avaliem a assertividade de diferentes tipos de desempenho social, conforme critérios previamente estabelecidos; e) reflitam sobre as características do próprio desempenho social.

5.2 Estilos comportamentais presentes nas interações com cada personagem

Nesta seção são apresentados e discutidos os estilos comportamentais presentes nas interações de Alice com cada personagem da obra. Conforme exposto na metodologia deste estudo, dos vinte e quatro personagens com quem Alice interage ao longo da obra (Figura 2), apenas dez (Figura 3), seguindo os critérios estabelecidos, protagonizaram interações que puderam ser objeto de análise.

As Tabelas 2, 3 e 4 apresentam, respectivamente, as frequências relativas e absolutas dos estilos comportamentais agressivos, passivos e assertivos presentes nas interações de Alice com cada um dos personagens presentes na Figura 3.

Tabela 2 - Estilos comportamentais agressivos presentes nas interações de Alice com cada personagem.

Personagem	Frequência	
	Absoluta	Relativa
Camundongo	3	33,30%
Caxinguelê	2	50%
Rainha	2	100%
Bill	1	100%

Fonte: elaborada pela autora.

A Tabela 2 expõe as frequências dos comportamentos agressivos emitidos por Alice com os personagens Camundongo, Caxinguelê, Rainha e Bill. O comportamento agressivo pode ser descrito como uma resposta emitida necessariamente numa situação interpessoal de risco, produzindo consequências reforçadoras diversas para o indivíduo e consequências aversivas para o grupo (MARCHEZINI-CUNHA; TOURINHO, 2010). Quanto à topografia da resposta, este tipo de comportamento envolve: olhar fixo, voz alta, enfrentamento, gestos de ameaça e postura intimidatória (CABALLO, 2003). Desta forma, pode-se afirmar que os comportamentos de Alice categorizados como agressivos têm manutenção diretamente relacionada às consequências diversas, que se refere a obter de forma imediata os reforçadores daquelas interações. Portanto, seu comportamento fica sobre controle de consequências em curto prazo e menos de consequências a médio e longo prazo. Assim como, fica menos sobre controle das

consequências de aprovação ou reprovação social (MARCHEZINI-CUNHA; TOURINHO, 2010).

Tendo em vista que os estilos de comportamento (assertivo, agressivo e passivo) produzem consequências tanto para o ambiente social com que o indivíduo interage como para o próprio indivíduo, pode-se destacar que do ponto de vista funcional, respostas assertivas, passivas e agressivas produzem consequências variadas. As respostas agressivas produzem desaprovação social, visto que culminam na perda de reforçadores para o grupo; além de, conseqüentemente, a longo prazo, produzirem consequências negativas para o indivíduo, visto que há tensão na relação interpessoal com o outro. Contudo, a curto prazo, produzem consequências reforçadoras diversas de maior valor (em comparação aos demais estilos) ou evitam a retirada de reforçadores para o indivíduo, fatos que aumentam a probabilidade de emissão destas respostas (MARCHEZINI-CUNHA; TOURINHO, 2010; CABALLO, 2003).

As análises de interação da Tabela 2 permitem a observação de alguns padrões comportamentais dos demais personagens, que são eventos ambientais antecedentes e consequentes aos comportamentos de Alice, e permitem levantar hipóteses sobre o porquê de algumas ações da mesma. O Camundongo, por exemplo, é um personagem que, embora aparente ter em seu repertório habilidades assertivas desenvolvidas, frequentemente comporta-se de forma agressiva/ passiva, ou seja, diante de situações de conflito, expressa de forma indireta e coercitiva seus sentimentos e pensamentos (CABALLO, 2003). A Rainha, por sua vez, é uma personagem descrita pelo autor da obra como uma pessoa que se comporta frequentemente de forma agressiva, pois, sempre que é contrariada por outro personagem, exige que “lhe cortem a cabeça”; Caxinguelê também é um personagem com padrão comportamental frequentemente agressivo, visto que costuma agir de modo a garantir seus direitos em detrimento da violação dos direitos dos demais personagens. Bill, por outro lado, é um personagem que aparenta ter um repertório comportamental mais frequentemente passivo, visto que, durante toda a obra é explorado por seu patrão, o Coelho, sem nunca posicionar-se de forma contrária à violação dos seus direitos.

Infere-se, portanto, que os comportamentos agressivos de Alice são comportamentos produtos de estimulação aversiva. Esse tipo de estimulação é uma condição capaz de evocar reações emocionais concomitantes ao efeito sobre a probabilidade do comportamento ocorrer. Conforme explicação apresentada por Skinner (1953/2003). Em uma situação em que um adulto faz uma criança parar de rir na igreja,

beliscando-a severamente, este beliscão eliciará respondentes que são incompatíveis com o riso e poderosos o suficiente para suprimi-lo; ou relação compatível, como pode ser visto nas interações identificadas em que comportamentos agressivos emitidos pelos personagens, enquanto eventos ambientais antecedentes, podem ter influenciado a emissão de comportamentos agressivos por parte de Alice. Barros e Silva (2006), em complemento a esta discussão, afirmaram que punir o comportamento agressivo com agressividade resulta, além das propriedades aversivas da punição em si, o fornecimento de modelos de agressividade. Desta forma, para os autores, a punição cria mais estimulação aversiva capaz de produzir mais agressão, além de fornecer modelos para a aprendizagem social de agressão (modelação). Enquanto alternativa para cessar o “ciclo vicioso” (emissão de comportamentos agressivos evocando consequências agressivas), os autores recomendam o Treinamento de Habilidades Empáticas, visto que estas relacionam-se intimamente às manifestações de agressividade, pois ao invocar um dano a outro indivíduo, supõe-se que o agressor não reconhece os sentimentos dos demais ou pouco se sensibiliza por eles.

Tabela 3 - Estilos comportamentais passivos presentes nas interações de Alice com cada personagem.

Personagem	Frequência	
	Absoluta	Relativa
Chapeleiro	1	100%
Coelho	1	100%
Dodô e grupo	1	100%
Grifo	1	100%
Duquesa	1	100%

Fonte: elaborada pela autora.

A Tabela 3 mostra as frequências dos comportamentos passivos emitidos por Alice nas interações com os personagens Chapeleiro, Coelho, Dodô e grupo, Grifo e Duquesa. Para Guilhardi (2012), uma pessoa emite um comportamento passivo quando, diante de contingências de reforçamento com valor coercitivo para ela, apresenta déficits de repertório comportamental assertivo e excesso de comportamentos sob controle do que é reforçador para o outro, desdenhando suas necessidades e interesses em detrimento das necessidades e interesses do outro. Topograficamente falando, ser passivo envolve comportamentos de: olhar para baixo, voz baixa, postura afundada, tom vacilante ou de queixa, risos “falsos” etc. (CABALLO, 2003). Partindo dessa explanação, os comportamentos de Alice categorizados como passivos foram os que

envolveram, perante uma situação conflituosa, a violação de seus próprios direitos ao não expressar-se honestamente (CABALLO, 2003).

As respostas passivas, embora não sejam eficientes na produção de consequências reforçadoras diversas para o próprio indivíduo, produzem aprovação social em maior escala (em comparação aos demais estilos) por produzirem consequências reforçadoras para o grupo – ou simplesmente não produzirem consequências aversivas; estas consequências, por outro lado, são vantajosas apenas do ponto de vista imediato, pois, a longo prazo, representam uma dependência onerosa do indivíduo em relação ao grupo (MARCHEZINI-CUNHA; TOURINHO, 2010). O padrão comportamental passivo em um indivíduo pode conduzir a sentimentos de culpa, ansiedade, depressão e baixa autoestima, pois este indivíduo estará constantemente fazendo coisas que não deseja fazer (CABALLO, 2003).

Nota-se que as respostas, apresentadas na Tabela 3, foram mais distribuídas entre os personagens. Alice interage no estilo passivo, em situações passíveis de perda de reforçadores ou punição, apenas uma vez com cada um destes personagens. As interações com os três primeiros personagens descritos na Tabela 3 (Chapeleiro, Coelho e Dodô e grupo) se dão logo no início da história, portanto, infere-se que os comportamentos passivos de Alice ocorreram, nestas interações específicas, devido à falta de conhecimento sobre o ambiente em que se encontrava, assim como desconhecimento das regras sociais nele existentes. Portanto, por não saber como agir e a que regras seguir, Alice comportava-se de modo a atender às demandas do ambiente. Quanto aos personagens Grifo e Duquesa, que tiveram as interações contempladas no final da obra, infere-se a possibilidade de, por se tratarem de personagens dotados de influência social (o personagem Grifo trabalhava para a Rainha e a Duquesa, como o nome sugere, possuía título nobre), Alice teve dificuldades de interagir com autoridades (subclasse da HS assertiva), em função da sinalização de possível punição ou da possibilidade de aprovação social.

Tendo em vista que o comportamento diz respeito à interação do organismo com o ambiente, pode-se inferir, portanto, que esta busca de Alice por aprovação social tem relação direta com o contexto em que ela se encontrava: a Inglaterra do Século XIX. Este período histórico foi marcado por uma sociedade patriarcal em que as mulheres, que não tinham direitos políticos, deveriam, acima de tudo, agir de forma cordial, passiva e respeitosa, de modo a prezar por sua reputação para conseguir um bom casamento (BUSS, 2011).

Tabela 4 - Estilos comportamentais assertivos presentes nas interações de Alice com cada personagem.

Personagem	Frequência	
	Absoluta	Relativa
Camundongo	3	66,70%
Caxinguelê	2	50%
Rei	1	100%

Fonte: elaborada pela autora.

A Tabela 4 expõe as frequências dos comportamentos assertivos emitidos por Alice nas interações com os personagens Camundongo, Caxinguelê e Rei. Guilhardi (2012) destacou que comportamentos assertivos são aqueles que produzem reforços positivos ou minimizam/evitam eventos aversivos para o indivíduo que os emite e para as pessoas que lhe são socialmente significativas. Topograficamente falando, ser assertivo envolve maior contato visual entre o indivíduo assertivo e seu interlocutor, tom de voz audível e uso adequado de características paralinguísticas da fala (fluência, vivacidade etc.). Para tanto, estes comportamentos (assim como os relacionados aos demais estilos) precisam estar em harmonia com o conteúdo verbal da mensagem transmitida. Deste modo, neste estudo, para que Alice tivesse o comportamento categorizado como assertivo, ela deveria, perante uma situação que envolve riscos de perda de reforçamento ou punição, comportar-se de modo a expressar seus sentimentos/desejos, procurando produzir, manter ou aumentar os reforçadores para si e para o grupo (RICH; SCHROEDER, 1976).

As respostas assertivas são eficientes tanto na produção de consequências reforçadoras diversas para o indivíduo (embora em menor magnitude quando comparadas às respostas agressivas) quanto na produção de aprovação social e, conseqüentemente, reforçadores para o grupo (embora em escala menor que as respostas passivas). Contudo, tendo em vista que as respostas só são reforçadas socialmente se produzirem pouca ou nenhuma estimulação aversiva para o grupo e que a ausência total de conflito é, com frequência, impossível, as respostas assertivas também podem produzir consequências aversivas na medida em que podem causar incômodo para outros indivíduos. Por exemplo, dizer a uma pessoa, de forma assertiva, que você não está interessado em manter um relacionamento amoroso com ela pode provocar uma reação inicial desfavorável (MARCHEZINI-CUNHA; TOURINHO, 2010; CABALLO, 2003).

As interações de Alice com o Camundongo e Caxinguelê presentes na Tabela 4, conforme poderá ser visto na próxima seção, são interações que demandaram de Alice a habilidade de reconhecer os sentimentos dos demais indivíduos e sensibilizar-se por eles, ou seja, demandaram a existência, no repertório da personagem, de HS empáticas. Infere-se, portanto, que a existência desta HS no repertório de Alice, conforme o exposto por Falcone (2001), colaborou para a emissão de respostas assertivas por parte da personagem, de modo que o desempenho da assertividade, articulado com o da empatia, permitiu que Alice estabelecesse, com estes personagens e nestas interações específicas, relações interpessoais assertivas.

Ainda é possível observar na Tabela 4 que, diferente do ocorrido em suas interações com a Rainha, o Grifo e com a Duquesa, Alice conseguiu emitir a resposta assertiva de interagir com uma autoridade: o Rei. Infere-se que tal fato se deu, pois, conforme pode ser observado na obra, diferentemente dos demais personagens citados, o Rei não representava para Alice um estímulo pré-aversivo, ou seja, sua presença não sinalizava para ela a possibilidade da apresentação de um estímulo aversivo; muito pelo contrário, ele era o personagem que, após a Rainha ordenar a execução de seus súditos pedindo que lhes cortassem a cabeça, secretamente absolvía a todos, permitindo que voltassem para suas casas. Deste modo, supõe-se que durante sua única interação conflituosa com o Rei, por não haver a noção de inacessibilidade dificultando a interação social (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2001), Alice conseguiu emitir um comportamento assertivo.

Afirma-se, então, que a literatura tem considerado que a assertividade é a habilidade mais indicada como comportamento socialmente competente, visto que, além de garantir reforçadores para o indivíduo e para o grupo a longo prazo – conforme exposto anteriormente – comportar-se de maneira assertiva produz: a diminuição da ansiedade; relações mais íntimas e significativas; maior respeito a si mesmo e aos outros; e melhor adaptação social (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2001; CABALLO, 2003).

O tópico que se segue apresentará os dados e discussão do objetivo específico de analisar funcionalmente os comportamentos passivos, agressivos e assertivos da personagem Alice.

5.3 Análises das contingências

Entende-se por análise de contingência a busca dos determinantes da ocorrência do comportamento; ou seja, seu objetivo é buscar relações funcionais entre o comportamento e o ambiente (MOREIRA; MEDEIROS, 2007). A apresentação destas contingências possibilita a observação da forma como alguns comportamentos da personagem se estabelecem, assim como hipóteses de manutenção (VASCONCELOS, 2006).

5.3.1 Análises das contingências de respostas passivas de Alice.

No Quadro 2 são expostas cinco análises funcionais de comportamentos passivos. Nestes fragmentos, Alice se comporta enfrentando situações que envolvem risco de reação indesejável por parte do interlocutor, produzindo consequências imediatas positivas para o grupo e prejuízos para si.

Quadro 2 - Descrição de contingências de respostas passivas de Alice (continua).

Nº	CONTEXTOS ANTECEDENTES	RESPOSTAS DE ALICE	CONSEQUENTES
01	Dodô e grupo determinam que Alice deva receber um prêmio por ter participado de uma corrida (OM)	Achar um absurdo receber o prêmio, mas receber fazendo uma reverência	Esquiva do aborrecimento do grupo/desaprovação social (Sr-)
02	Coelho irritado (OM); Coelho confunde Alice com sua criada e a trata de forma grosseira [rísvida] pedindo suas luvas (S ^d)	Apressar-se para acatar a ordem do Coelho de forma amedrontada, sem desfazer o mal entendido	Coelho satisfeito por ter sua ordem atendida/aprovação social (Sr+) Esquiva da irritação do Coelho/desaprovação social (Sr-)
03	Pedido do Chapeleiro para que todos troquem de lugar à mesa (S ^d); Todos passam para a cadeira seguinte, deixando Alice apenas com louças sujas (OM)	Ignorar o ocorrido e mudar de assunto para não ofender os anfitriões	Anfitriões felizes por comerem em louças limpas/aprovação social (Sr+); Esquiva de aborrecimento dos anfitriões/desaprovação social (Sr-)
04	Abraço desconfortável da Duquesa (OM)	Aceitar o abraço para não ser indelicada	Esquiva do aborrecimento da Duquesa/desaprovação social (Sr-); Desconforto – estimulações internas aversivas (P+)

Quadro 2 - Descrição de contingências de respostas passivas de Alice (conclusão).

05	Grifo impaciente (OM); Ordem do Grifo (Regra): "continue recitando o próximo verso" (S ^d)	Recitar o verso com a voz trêmula, mesmo sem querer	Grifo satisfeito por ter sua ordem atendida /aprovação social (Sr+) Livra-se de possível punição (Sr-)
----	---	---	--

Fonte: elaborado pela autora.

Os eventos comportamentais da contingência de número 01, *achar um absurdo receber o prêmio e fazer uma reverência*, são emitidos por Alice diante do evento ambiental antecedente Dodô e grupo determinarem que um prêmio deva ser recebido por Alice. Este evento ambiental antecedente pode ter função de Operação Motivadora (OM). De acordo com Aureliano e Borges (2012), uma OM altera a efetividade dos estímulos consequentes e modifica a frequência da classe de respostas que produzem essas consequências; neste caso específico, trata-se de uma OM do tipo estabelecadora, pois esta aumenta a efetividade reforçadora da consequência. Alice emite esta classe de operantes de modo a evitar um possível aborrecimento do grupo. Dessa forma, seu comportamento pode ser caracterizado como uma resposta de esquiva, pois evita ou atrasa o contato com um estímulo aversivo (MOREIRA; MEDEIROS, 2007). Assim, pode-se afirmar que esses operantes foram reforçados negativamente, considerando que o reforço negativo (Sr-) consiste em um tipo de consequência que aumenta a probabilidade de um determinado comportamento voltar a ocorrer devido à retirada de um estímulo aversivo do ambiente (neste caso, o aborrecimento do grupo/desaprovação social) (MOREIRA; MEDEIROS, 2007).

Na contingência de número 02, Alice emite as respostas de *acatar a ordem de forma apressada e amedrontada sem desfazer o mal entendido*, diante do evento ambiental antecedente, Coelho, irritado, confundi-la com sua criada e tratá-la de forma grosseira exigindo suas luvas, de modo a deixar o Coelho satisfeito por ter sua ordem atendida (consequência de aprovação social) e esquivar-se da irritação do Coelho (desaprovação social). O antecedente "Coelho irritado", neste caso, pode ter função de OM do tipo estabelecadora, pois altera e aumenta o valor reforçador do estímulo (Coelho satisfeito/aprovação social), aumentando também a frequência da classe de operantes relacionada a esse estímulo (AURELIANO; BORGES, 2012). O pedido do Coelho, por outro lado, pode funcionar como um estímulo discriminativo (S^d), pois controla a resposta por meio da sinalização da disponibilidade de reforço. A consequência "Coelho satisfeito" pode ter função de reforço positivo, visto que há o

acréscimo de um estímulo reforçador (aprovação social do mesmo). Já a consequência “esquiva da irritação do Coelho”, por sua vez, pode ser caracterizada enquanto reforçamento negativo (retirada do estímulo aversivo “Coelho irritado”/desaprovação social).

As respostas da contingência de número 03, *ignorar o ocorrido e mudar de assunto para não ofender os anfitriões*, são emitidas por Alice diante dos antecedentes “Pedido do Chapeleiro” e “todos passam para a cadeira seguinte, deixando Alice apenas com louças sujas”. Este primeiro antecedente pode ter função de estímulo discriminativo (S^d), visto que sinaliza que, caso emitida, a resposta tem possibilidade de ser reforçada; o segundo antecedente, por sua vez, pode ter função de OM estabelecadora, pois pode aumentar a efetividade do estímulo consequente. Alice emite essas respostas de modo a agradar os anfitriões (aprovação social), que se caracteriza por reforçamento positivo. Segundo Skinner (1974/2006), o reforço positivo aumenta a probabilidade de o comportamento voltar a ocorrer, pois fortalece qualquer comportamento por meio do acréscimo de um estímulo reforçador (felicidade dos anfitriões/aprovação social). A consequência “esquivar-se do aborrecimento dos anfitriões”, por sua vez, é reforçada negativamente, pois aumenta a probabilidade do comportamento voltar a ocorrer devido à retirada de um estímulo aversivo (aborrecimento dos anfitriões/desaprovação social).

A contingência de número 04 mostra as respostas de *aceitar o abraço para não ser indelicada*, diante do antecedente “abraço desconfortável da Duquesa”, obtendo, como consequência, a esquiva do aborrecimento da Duquesa (desaprovação social) e o desconforto (estimulação interna aversiva). Destaca-se aqui que as contingências afetam o organismo em termos de alteração comportamentais – fortalecendo ou enfraquecendo o comportamento – e alterações orgânicas, ou seja, alterações anátomo-fisiológicas, as quais aprende-se a nomeá-las por meio da comunidade verbal, enquanto estimulações reforçadoras e aversivas. Embora não sejam causa do comportamento, não devem e nem podem ser desconsideradas em uma análise funcional, pois ainda que não sejam as causas últimas dos comportamentos, são eventos que os controlam. O antecedente nesta contingência pode ter função de OM estabelecadora, pois pode aumentar o valor punidor do estímulo (abraço da Duquesa). A consequência de esquivar-se do aborrecimento da Duquesa pode ser caracterizada como reforço negativo, visto que, ao cancelar o surgimento do estímulo aversivo (aborrecimento da Duquesa/desaprovação social) por meio da esquiva, há um aumento da probabilidade de emissão deste

comportamento em situações futuras. A consequência do desconforto, por outro lado, pode ser caracterizada como punição positiva, ou seja, o acréscimo de um estímulo aversivo que possivelmente acarretará na diminuição da probabilidade de ocorrência da resposta de abraçar. Em casos como esse, em que se identifica o controle por duas contingências, a análise do comportamento futuro é que permitirá identificar qual esquema exerce maior controle sobre o comportamento do organismo.

A contingência de número 05 retrata a resposta de Alice de *recitar o verso com a voz trêmula, mesmo sem querer*, diante do antecedente ordem do Grifo, impaciente, para que continue recitando o próximo verso. A condição aversiva não apenas afeta a probabilidade comportamental, mas gera respostas emocionais no organismo, ou seja, alterações orgânicas aversivas (e.g. voz trêmula). Ao emitir essas respostas, Alice tem como consequências: Grifo ficar satisfeito (aprovação social) por ter sua ordem atendida e “livrar-se de possível punição do Grifo (desaprovação social)”. O antecedente “ordem do Grifo” pode funcionar como uma regra do tipo discriminativa, por ter função de estímulo discriminativo (S^d), ou seja, sinalizar o contexto para obtenção do reforço. Contudo, o antecedente “Grifo impaciente”, pode ter função de OM, visto que altera o valor do estímulo “presença do Grifo”. A consequência “livrar-se de possível punição do Grifo”, por sua vez, pode ser caracterizada como um reforçamento negativo em função da retirada de um estímulo aversivo (Grifo insatisfeito/desaprovação social) que aumentará a probabilidade deste comportamento voltar a ser emitido no futuro. Por outro lado, é possível identificar também o controle por reforçamento positivo (Grifo satisfeito/aprovação social).

Em suma, pode-se observar no Quadro 2, conforme o constatado por Marchezini-Cunha e Tourinho (2010), que os comportamentos passivos de Alice são mantidos, em sua maioria, por reforçamento negativo, pois Alice, em busca de obter reforçamento social, comporta-se de modo a evitar eventos aversivos para o grupo (aborrecimento/desaprovação social, na maioria das interações analisadas), mesmo que isto acarrete em perda de consequências diversas para si. Partindo deste princípio, nestas interações Alice não consegue atingir os critérios da competência social, pois, mesmo que consiga atingir os objetivos específicos de uma interação social (neste caso, esquivar-se do descontentamento do grupo), não há um equilíbrio nas interações, manutenção da autoestima e/ou ampliação dos direitos da personagem.

5.3.2 Análises das contingências de respostas agressivas de Alice.

O Quadro 3 a seguir apresenta as análises de contingência de respostas agressivas da personagem Alice. Nestes exemplos, perante uma situação conflituosa, Alice se comporta de modo a garantir os próprios direitos, produzindo consequências imediatas para si e prejuízos para o grupo.

Quadro 3 - Descrição de contingências de respostas agressivas de Alice.

Nº	CONTEXTOS ANTECEDENTES	RESPOSTAS DE ALICE	CONSEQUENTES
06	Camundongo diz que Alice não está prestando atenção na história (S ^d)	Dizer que ele se ofende à toa	Camundongo se afasta sem terminar de contar a história (P-)
07	Rainha pergunta para Alice quem são os guardas que estão pintando suas flores (S ^d)	Perguntar: “ <i>Como eu poderia saber? Não é da minha conta</i> ”	Rainha ordena que lhe cortem a cabeça (P+)
08	Bill risca o quadro com um giz promovendo ruído (OM)	Tomar o giz à força da mão de Bill	Cessaçã o do som que a incomoda (Sr-)
09	Caxinguelê reclama sobre o crescimento repentino de Alice (OM)	Responder ao comentário de forma grosseira, dizendo “ <i>Não diga tolice, não sabe que também está crescendo?</i> ”	Caxinguelê se afasta (Sr-)
10	Rainha ordena (Regra) que Alice cale a boca (S ^d)	Dizer: “ <i>Não calo!</i> ”	Rainha ordena que lhe cortem a cabeça (P+)

Fonte: elaborado pela autora.

A resposta da contingência de número 06, *dizer que o Camundongo se ofende à toa*, é emitida por Alice diante do antecedente “Camundongo diz que Alice não está prestando atenção na história”. Este antecedente é um estímulo discriminativo (S^d) para o comportamento de Alice prestar atenção. Contudo, ao emitir uma resposta agressiva e contrária à solicitada pelo Camundongo, o comportamento de Alice produz punição, que seria o afastamento do Camundongo sem que este termine de contar a história. Esta consequência é caracterizada como uma punição negativa (P-), pois há uma retirada de um estímulo reforçador (história e presença do Camundongo), o que acarretará em uma possível diminuição da probabilidade deste comportamento voltar a ser emitido por Alice em situações futuras e aumento da probabilidade da emissão futura do comportamento de prestar atenção.

A contingência de número 07 analisa a resposta de *perguntar como eu poderia saber? Não é da minha conta*, diante do questionamento da Rainha. Esse questionamento funciona como um estímulo discriminativo (S^d) para o comportamento

de esclarecer a dúvida da Rainha. Todavia, ao responder da forma como responde, seu comportamento gera punição. Alice obtém, enquanto consequência, a ordem da Rainha para que lhe cortem a cabeça. Esta consequência é caracterizada como punição positiva (P+), pois há o acréscimo de um estímulo aversivo (ordem da Rainha para que cortem a cabeça de Alice) que acarretará numa possível diminuição da probabilidade deste comportamento voltar a ocorrer. Não sendo operacionalizada esta punição, o comportamento de responder adequadamente à Rainha se fortalecerá, mantido por reforçamento negativo. A punição apresenta uma série de efeitos colaterais que tornam seu uso desaconselhado. São eles: eliciação de respostas emocionais; supressão de outros comportamentos além do punido; emissão de respostas incompatíveis ao comportamento punido, que pode levar à impossibilidade do organismo de discriminar que a contingência de punição não está mais em vigor, por impedir que este organismo se exponha à contingência novamente; contracontrole, ou seja, emissão, pelo organismo controlado, de uma nova resposta que impede que o agente controlador mantenha o controle sobre o seu comportamento, garantindo que o comportamento punido continue a ocorrer sem entrar em contato com a punição.

A resposta da contingência de número 08, *tomar o giz à força da mão de Bill*, é emitida por Alice diante do antecedente Bill riscando o quadro com um giz e promovendo ruído. Este antecedente pode ter função de S^d, já que sinaliza, para Alice, a disponibilidade de reforço. Alice emite a referida resposta de modo a obter a cessação do som que a incomoda. Esta consequência pode ser caracterizada como reforço negativo, pois há uma retirada do estímulo aversivo (ruído promovido por Bill), fato que possivelmente acarretará no aumento da probabilidade de Alice voltar a comportar-se desta forma em situações futuras.

A contingência de número 09, *dizer “não diga tolice, não sabe que também está crescendo”*, ocorre diante do evento ambiental antecedente “reclamação do Caxinguelê sobre o crescimento repentino de Alice”. A emissão da resposta provoca a consequência de afastamento do Caxinguelê. O antecedente, nesta contingência, pode possuir a função de OM estabelecadora, devido ao aumento do valor reforçador da retirada deste estímulo. A consequência, por outro lado, pode ser caracterizada como reforço negativo, visto que ocorre a retirada do estímulo aversivo (presença do Caxinguelê – que a incomoda) e o aumento da probabilidade de Alice voltar a se comportar desta forma em situações futuras.

A resposta da contingência de número 10, dizer “*não calo*”, é emitida por Alice diante do antecedente ordem da Rainha para que Alice cale a boca. Diante desta resposta, Alice tem como consequência a ordem da Rainha para que cortem a cabeça de Alice. Esse antecedente pode funcionar como uma regra do tipo discriminativa por ter também função de estímulo discriminativo para a resposta de calar-se diante da Rainha. Entretanto, ao emitir a resposta de desobediência, Alice tem como consequência uma punição positiva, pois ocorre o acréscimo de um estímulo aversivo (ordem da Rainha para que cortem a cabeça de Alice) e diminuição da probabilidade de Alice voltar a se comportar desta forma em situações futuras.

As interações descritas nos exemplos 06, 07 e 10 produzem para Alice consequências punitivas (ordens da Rainha para mata-la e afastamento do Camundongo). Estas consequências acarretam em uma diminuição da probabilidade de ocorrência futura destas respostas em contextos similares, podem suprimir a ocorrência futura desses comportamentos diante das mesmas pessoas (COMODO et al.; 2013) e fortalecer uma classe de comportamentos incompatíveis com estes que serão mantidos por reforçamento negativo. Assim como, pelo fato da punição por si só não garantir um novo repertório, estes comportamentos tendem a se repetir assim que as contingências punitivas forem removidas (SKINNER, 1983).

Os comportamentos exemplificados nos itens 08 e 09 produzem para Alice consequências reforçadoras (retirada de um estímulo aversivo), sendo, portanto, eficazes neste ponto de vista. Contudo, a avaliação feita pelo grupo, nesta situação, é de desaprovação social e os outros personagens, provavelmente, tenderão a evitar contato com Alice para evitar a exposição às consequências aversivas produzidas por seu comportamento. Pode-se afirmar, portanto, que Alice, embora tenha atingido o critério instrumental da competência social, visto que atingiu seus objetivos a curto prazo, não foi competente socialmente – ou obteve apenas uma pseudocompetência (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2005a), pois, nestas interações, não houve um equilíbrio de reforçadores entre a personagem e seus interlocutores, assim como a melhora nas relações interpessoais.

Em suma, nota-se que os comportamentos agressivos emitidos por Alice são consequenciados por reforçamento negativo e punição, ou seja, consequenciados por controle aversivo, que, por sua vez, implica em prejuízos à aprendizagem de comportamentos apropriados (CATANIA, 1999). Sidman (1989/2009) afirmou que estas contingências devem ser, sempre que possível, eliminadas de qualquer intervenção

ocorrida em contextos sociais. Para o autor, do controle aversivo resultam os principais problemas sociais enfrentados na atualidade (e.g. déficits educacionais, agressividade, estados de ansiedade, medos, apatia).

5.3.2 Análises das contingências de respostas assertivas de Alice.

O Quadro 4 expõe quatro análises funcionais de comportamentos assertivos. Nestes exemplos, Alice se comporta, perante situações aversivas, de modo a expor seus sentimentos e pensamentos, fazendo valer os seus direitos sem comprometer os direitos dos demais e produzindo reforçadores para si e para o grupo.

Quadro 4 - Descrição de contingências de respostas assertivas de Alice.

Nº	CONTEXTOS ANTECEDENTES	RESPOSTAS DE ALICE	CONSEQUENTES
11	Camundongo tem medo e foge assustado das histórias sobre gatos e cachorros contadas por Alice (S^d)	Pedir desculpas e prometer não tocar mais no assunto para que não se assuste	Camundongo se reaproxima ($Sr+$)
12	Camundongo quebra a promessa de contar o motivo pelo qual teme gatos e cachorros (S^d)	Pedir sussurrando [em função de ser aversivo para o Camundongo falar sobre este assunto em voz alta] que ele lhe conte a história	Camundongo conta a história ($Sr+$)
13	Caxinguelê diz ao ser interrompido por Alice (Regra): " <i>se não pode ser educada, é melhor você mesma terminar de contar a história</i> " (S^d)	Pedir desculpas e prometer não interromper novamente	Caxinguelê continua a contar a história ($Sr+$)
14	Rei diz que existe uma regra [a mais antiga de todas, de número 42] que decreta que: (Regra) todas as pessoas com mais de um quilômetro e meio de altura devem se retirar do tribunal, então Alice deve sair (S^d)	Se recusar a sair e afirmar que a regra não existe, já que a mais antiga de todas as regras deveria ser a de número 1 e não 42	Rei aceita a presença de Alice; Alice permanece no tribunal ($Sr+$)

Fonte: elaborado pela autora.

A classe de respostas da contingência de número 11, *pedir desculpas e prometer não tocar mais no assunto para que não se assuste*, é emitida por Alice diante do antecedente “Camundongo tem medo e foge assustado das histórias contadas por Alice”. Este antecedente pode ter função de estímulo discriminativo (S^d), pois sinaliza a disponibilidade de reforço. Alice emite tais respostas de modo a fazer com que o Camundongo se reaproxime. Esta consequência pode ser caracterizada como reforço positivo, visto que há o acréscimo de um estímulo reforçador (reaproximação do

Camundongo) que acarretará num aumento da probabilidade de Alice voltar a se comportar desta forma em situações futuras.

As respostas da contingência de número 12, *pedir sussurrando*, por saber que se trata de um assunto aversivo para o Camundongo, *que ele lhe conte a história*, ocorrem diante do antecedente “Camundongo quebra a promessa de contar o motivo pelo qual teme gatos e cachorros”. Alice obtém, enquanto consequência, a história contada pelo Camundongo. O antecedente descrito nesta contingência pode ter função de estímulo discriminativo (S^d), pois sinaliza a possibilidade do comportamento receber reforço. A consequência, em complemento, se caracteriza como reforço positivo, já que ocorre o acréscimo de um estímulo reforçador (história contada pelo Camundongo) que acarretará no aumento da probabilidade de Alice voltar a se comportar desta maneira.

As respostas da contingência de número 13, *pedir desculpas e prometer não interromper novamente*, são emitidas por Alice diante do antecedente de, perante a interrupção feita por Alice, Caxinguelê ditar a regra “Se não pode ser educada, é melhor você mesma terminar de contar a história”. Esse antecedente funciona como uma regra do tipo discriminativa, tem função de estímulo discriminativo (S^d), sinaliza o comportamento que deve ser emitido para que haja a liberação do reforço. A consequência, por sua vez, pode ser caracterizada como um reforço positivo, pois há o acréscimo de um estímulo reforçador (Caxinguelê volta a contar a história). Tal reforço acarretará no aumento da probabilidade de Alice voltar a se comportar desta maneira futuramente.

Na contingência de número 14, Alice emite as respostas, *se recusar a sair e afirmar que a referida regra não existe*, diante da regra do Rei que diz que todas as pessoas com mais de um quilômetro e meio de altura devem se retirar do tribunal. Alice obtém como consequência a sua permanência no tribunal e aceitação de sua presença por parte do Rei. O antecedente, nesta contingência, pode ser uma regra discriminativa, por ter função de estímulo discriminativo (S^d). A consequência pode ser caracterizada como reforço positivo, visto que ocorreu o acréscimo de estímulos reforçadores (permanência no tribunal e aceitação da presença de Alice por parte do Rei) e, consequentemente, aumento da probabilidade de Alice voltar a comportar-se desta forma em eventos futuros.

As interações presentes nas contingências 11, 12, 13 e 14 produziram para Alice consequências reforçadoras. Nestas interações, a personagem pode ser compreendida como socialmente competente, visto que atinge critérios da competência

social que se referem à obtenção de reforçadores diversos para si e para o grupo social. Embora as respostas assertivas também acarretem na possibilidade de consequências aversivas, neste estudo não foram identificadas interações em que, ao comportar-se de forma assertiva, Alice fosse punida pelo grupo.

Desta forma, os Quadros 2, 3 e 4 correspondem às 14 análises funcionais referentes às interações encontradas na obra a partir dos critérios estabelecidos, tendo sido apenas uma interação excluída da análise, em função de não ter atingido a concordância de 70% em relação à classificação dos juízes. Para a exclusão desta interação, levanta-se a hipótese da necessidade de uma compreensão do contexto maior em que o fragmento da interação ocorria para que os juízes pudessem avaliar com maior propriedade. Ou seja, por mais que os fragmentos selecionados tivessem a preocupação de contextualizar as situações para os juízes, alguns deles talvez precisassem de uma análise contextual mais macro, da leitura completa do livro, para que então pudessem ter uma melhor compreensão do contexto e pudessem fazer a avaliação.

As análises aqui apresentadas ilustram as possibilidades de utilização de histórias infantis como um recurso para o treino de identificação de tríplexes contingências, assim como de hipóteses de instalação e manutenção, tornando-se um recurso a mais para o ensino de conceitos psicológicos, mais especificamente, de conceitos da Ciência do Comportamento, conforme estudos realizados por Vasconcelos (2006), Oliveira (2014) e Costa, Silva e Lima (2014).

5.4 Controle comportamental por regras – Modelação: O que Alice pode ensinar às crianças?

As Aventuras de Alice no País das Maravilhas, ou simplesmente *Alice no País das Maravilhas*, é um dos clássicos da literatura mais comercializados e conhecidos da atualidade (RODRIGUES, 2015). Por este motivo, alcança um público bastante heterogêneo de diversas classes sociais e faixas etárias. Enquanto uma história infantil com estímulos verbais textuais, pode adquirir função de instrução, na medida em que fornece estímulos verbais que controlam determinados comportamentos dos personagens (ALMEIDA; BATAGLINI; VERDU, 2009).

A literatura da Ciência Analítico-Comportamental e do campo das HS indicam que as crianças aprendem comportamentos novos por meio de diversas estratégias, dentre elas a modelação e o controle comportamental por regras (COMODO et al., 2011). Sendo a primeira, a aprendizagem por meio da observação do comportamento de

um modelo, que funciona como um estímulo discriminativo diante do qual o comportamento do observador tem maior probabilidade de ser reforçado (SKINNER, 1953/2003); e a segunda, a emissão de um comportamento sob controle de antecedentes verbais que descrevem o comportamento e suas variáveis (SKINNER, 1969/1980).

Conforme discutido e exemplificado a partir das análises funcionais da seção anterior, na maioria das interações conflituosas de Alice com os demais personagens da obra (71,4%), esta se comportou de maneira inassertiva (passiva e agressiva), violando seus direitos em detrimento dos direitos dos demais, devido à dificuldade de expressar seus sentimentos e pensamentos, ou, no extremo oposto, do baixo autocontrole dos comportamentos públicos e privados, em função da busca por consequências reforçadoras imediatas para si (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2003). Em contrapartida, em 28,6% dos casos, comportou-se de maneira assertiva, ou seja, perante situações que envolveram riscos de reações indesejáveis do interlocutor, expressou apropriadamente seus sentimentos e pensamentos, garantindo reforçadores para si e para o grupo (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2005a).

De acordo com os estudos científicos (HUESMANN et al., 2003; PARACAMPO et al., 2009; ALMEIDA, 2009; COMODO et al., 2011; COMODO et al., 2013), as histórias, assim como os filmes e desenhos, podem exercer controle em relação à emissão de comportamentos por parte das crianças. Paracampo et al. (2009) chegaram, em seu estudo, à conclusão de que os efeitos das histórias infantis dependem, em grande parte, das regras que estas histórias apresentam. Saldaña, Del Prette e Del Prette (2002), em complemento a esta discussão, afirmaram que um repertório socialmente habilidoso tem relação direta com os modelos a serem imitados.

Tendo em vista que, conforme discutido, os comportamentos de Alice podem ser tidos como modelos ou regras para as crianças, infere-se que a maioria dos comportamentos aqui analisados (71,4%), pode facilitar a aprendizagem de padrões de comportamentos inassertivos por parte das crianças. Contudo, os comportamentos categorizados como assertivos (28,6%), também podem ser considerados importantes no repertório das crianças que leem a história, por apresentarem modelos de relações interpessoais saudáveis.

No que diz respeito às respostas passivas emitidas por Alice, nota-se, a partir do Quadro 2, que todas elas são conseqüenciadas por reforço negativo, fato que aumenta a probabilidade futura de emissão destas respostas – embora uma das respostas também tenha sido conseqüenciada, concomitantemente, com punição positiva. O

reforço obtido nestas interações, em conjunto com a sensação de “alívio” que este produz (devido a retirada do estímulo aversivo) pode favorecer a aprendizagem de que comportamentos passivos são funcionais (e, de fato, quando fala-se em reforço social a curto prazo, eles usualmente são) e que, por este motivo, devem ser emitidos nas interações em que haja risco de perda de reforçadores. Ou seja, a observação destas interações pode favorecer para que haja a criação de uma regra relacionada aos benefícios proporcionados pelas respostas passivas (e.g. “Se eu não disser que fiquei incomodada com o que minha amiga fez, ela não ficará chateada comigo e, portanto, continuará sendo minha amiga”), que acarretaria na instalação de um repertório passivo nas crianças.

No entanto, é importante destacar que, conforme pode ser observado no Quadro 3, dos cinco (100%) comportamentos agressivos emitidos por Alice durante a história, três (60%) são consequenciados com punição pelo grupo social. Partindo deste princípio, e tendo em vista o conceito de imitação inversa proposto por Baldwin e Baldwin (1986), as crianças, ao observarem que estes comportamentos agressivos de Alice estão sendo punidos, terão menor probabilidade de se comportarem de forma semelhante a ela. Portanto, 60% dos comportamentos agressivos de Alice podem servir como modelo para ensinar às crianças o que não devem fazer em situações similares.

As quatro respostas assertivas apresentadas no Quadro 4, por serem todas reforçadas positivamente e por trazerem benefícios tanto para Alice quanto para o grupo, podem ser tidas, pelas crianças, enquanto modelos de comportamento eficazes para obtenção de interações sociais bem sucedidas e, ainda, as consequenciações positivas para os comportamentos emitidos por Alice criam um contexto receptivo, não coercitivo, favorecendo a expressão de diferentes opiniões por parte das crianças (VASCONCELOS, 2006). Conforme já discutido neste estudo, por serem, em sua maioria, interações que também diziam respeito à existência de HS empáticas, o ganho, a partir destas interações, pode se relacionar à aprendizagem de modelos/regras que favoreçam o desenvolvimento destas duas habilidades sociais essenciais para o desempenho social.

Para o analista do comportamento, o conhecimento das fontes que explicam determinado comportamento pode aumentar o poder de predição e controle do indivíduo, aumentando, assim, suas alternativas de escolha (VASCONCELOS, 2006). Portanto, enquanto uma medida para obter maior controle sobre as consequências promovidas por esta obra para a criança, recomenda-se a leitura da obra em conjunto

(criança, pais, terapeutas e/ou educadores), para que seja feita uma discussão entre ambas as partes e, a partir de então, a utilização de estratégias para análise, com a criança, dos comportamentos de Alice, tendo em vista as consequências a curto e longo prazo obtidas pela personagem no decorrer da narrativa (COMODO et al., 2013).

Percebe-se, portanto, que a obra *As aventuras de Alice no País das Maravilhas*, enquanto recurso lúdico que pode ser usado no contexto da clínica infantil, pode ser compreendida como uma facilitadora da comunicação entre criança e terapeuta, e, se cuidadosamente analisada, pode maximizar seus potenciais benéficos – fornecimento de alternativas para a solução criativa de problemas vividos em diferentes áreas pela criança, desenvolvimento da comunicação ao aprender a descrever seus próprios sentimentos e pensamentos, emissão de comportamentos criativos e visão crítica da realidade (CONTE; REGRA, 2000).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente investigação permitiu a aplicação de conceitos psicológicos por meio da análise da história infantil protagonizada por Alice, como a discussão sobre habilidades sociais, modelação e comportamento governado por regras, o que permitiu inferir sobre as possíveis influências que a história estudada pode ter sobre os comportamentos das crianças que a leem; e se mostrar como uma ferramenta lúdica para o ensino de princípios básicos da Análise do Comportamento e a promoção de Habilidades Sociais. Estudos nesta linha de investigação proporcionam ganhos não só para a Psicologia, como também para a Educação, visto que o desenvolvimento infantil é uma temática que pode ser abordada sob diferentes abordagens, para diferentes ciências.

Ao mesmo tempo em que são apontados os avanços proporcionados por este estudo, também são reconhecidas as suas limitações. Três delas são destacadas. A primeira diz respeito ao fato de a obra ter sido lida apenas pela pesquisadora, devido ao tamanho do livro (114 páginas) e do tempo disponível para a conclusão do estudo; tal limitação pode ter influenciado no número de interações identificadas. A sugestão é que seja feita a replicação do estudo com um grupo de pesquisa em HS, para que seja realizada a leitura do livro por mais membros e, posteriormente, a análise tanto dos recortes das interações sociais, quanto das análises funcionais apresentadas neste estudo.

Uma segunda limitação é que não há como ser feito um aprofundamento na história de vida de Alice, por tratar-se de uma personagem fictícia de uma obra que não fornece margem suficiente para inferências de situações passadas e futuras. Para tanto, sugere-se a realização da análise da obra “*Alice através do espelho e o que ela encontrou por lá*” (1871), do mesmo autor. Embora esta obra se refira a um novo momento da vida de Alice (um pouco mais velha que no primeiro livro) e a interações com novos personagens, ainda seria possível fazer ricas discussões e, quem sabe, ampliar as análises funcionais, por meio de mais dados acerca da história de vida da mesma.

A terceira limitação identificada foi que, embora não tenha sido foco deste estudo relacionar a obra com o filme e com o desenho, observou-se que muitos juízes o fizeram e identificou-se a falta de concatenação entre a obra literária aqui estudada, o filme dirigido por Tim Burton (2010) e o desenho da Disney (1951), visto que estas duas últimas fontes, embora tenham título similar ao livro, relatam histórias que não são

totalmente fidedignas à obra original, e, portanto não puderam ser utilizadas como complemento às informações contidas na obra de 1865 (e.g. permitir acesso a elementos paralinguísticos). Essa falta de concatenação acabou por também gerar confusão por parte dos juízes, visto que alguns questionaram em qual minuto do filme/desenho determinada cena descrita no livro ocorria – equiparação que praticamente não pode ser feita. Uma sugestão de uma nova pesquisa é a realização da análise do filme (2010) e do desenho (1951), de modo a, futuramente, fazer uma comparação entre as três análises para inferir como, de fato, Alice se comporta; pois, tendo em vista o fato de que tanto o filme quanto o desenho foram baseados na história original de 1865 aqui analisada, provavelmente estes terão a tendência de reproduzir ao máximo os comportamentos da Alice da obra original – esta hipótese também poderá ser discutida a partir de um novo estudo.

Para além do que já foi exposto, são feitas duas outras sugestões de pesquisa para uso na clínica analítico-comportamental infantil. A primeira é utilizar as análises funcionais aqui expostas para propor, junto com a criança, uma análise do comportamento de Alice, apontando as consequências decorrentes dos comportamentos inassertivos (agressivos e passivos), sendo esta uma forma mais branda de sinalizar a existência de inadequação de comportamentos no repertório da criança e, assim, fazer com que ela desenvolva a auto-observação e o autoconhecimento, tal qual o sugerido por Gardelha-Sarmet, De Jesus e Ximenes (2014).

Outra proposta é que a partir do livro “*As aventuras de Alice no País das Maravilhas*”, pode ser elaborado um livro infantil com o mesmo título deste trabalho (“*Assertiva, passiva ou agressiva: como Alice se comporta no País das Maravilhas?*”), para auxiliar terapeutas comportamentais na identificação de comportamentos agressivos, assertivos e passivos em seus clientes e mostrar como esta história pode ser utilizada como um recurso lúdico de intervenção.

Outrossim, a elaboração de análises funcionais também permite o ensino da identificação de tríplexes contingências, ou seja, a identificação dos eventos comportamentais e eventos ambientais que fazem intercâmbio com os mesmos. Para além disso, auxilia na formulação de hipóteses de instalação e manutenção dos fenômenos comportamentais. Dessa forma, a obra pode ser utilizada como recurso de ensino dos princípios básicos da Análise do Comportamento de forma eficaz e lúdica. Destaca-se assim, outro produto deste estudo.

Deste modo, espera-se que o presente estudo possa contribuir para o desenvolvimento desta temática, que ainda tem muito a ser discutida; além de servir como um aliado tanto na clínica analítico-comportamental infantil, quanto no manejo das HS assertivas com crianças.

7 REFERÊNCIAS

- ALBERTI, R. E.; EMMONS, M. L. Comportamento assertivo: um guia de auto-expressão (JM Corrêa, Trad.). Belo Horizonte: **Interlivros**. 1978. (Originalmente publicado em 1970).
- ALBUQUERQUE, L. C. de; MESCOUTO, W. A. de; PARACAMPO, C. C. P. Controle por regras: efeitos de perguntas, sugestões e ordens. **Acta Comportamental: Revista Latina de Análisis de Comportamiento**, v. 19, n. 1, 2011.
- ALMASAN, D. A.; ÁLVARO, A. L. A importância do senso de limites para o desenvolvimento da criança. **Revista Científica Eletrônica de Psicologia**, v. 4, n. 7, 2006.
- ALMEIDA, C. G. M. **Efeitos de contingências descritas em histórias sobre o comportamento de crianças**. 2009. Dissertação (Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem) – Faculdade de Ciências de Bauru, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2009.
- ALMEIDA, C. G. M.; BATTAGLINI, M. P.; ALMEIDA-VERDU, A. C. M. Comportamento verbalmente controlado: algumas questões de investigação do controle por estímulos textuais e pela palavra ditada. **Aprendizagem e desenvolvimento humano: avaliações e intervenções**, São Paulo: Cultura Acadêmica. v. 1, 1 ed., p. 9-32. 2009.
- ARAÚJO, G. B. de; SPERB, T. M. Crianças e a construção de limites: narrativas de mães e professoras. **Psicologia em estudo**. Maringá. Vol. 14, n. 1 (jan./mar. 2009), p. 185-194, 2009.
- AURELIANO, L. F. G.; BORGES, N. B. B. Operações motivadoras. In: BORGES, N. B. B.; CASSAS, F. A. (Org.). **Clínica Analítico-Comportamental: Aspectos Teóricos e Práticos**. Porto Alegre: Artmed, 2012. p. 32-39.
- ÁVILA, R. R. **Histórias infantis como um contexto para o reforçamento positivo do comportamento verbal vocal de crianças pré-escolares**. 2006. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2006.
- BALDWIN, J. D.; BALDWIN, J. I. **Behavior principles in everyday life**. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, 1986.
- BARROS, P.; SILVA, F. B. N. Origem e manutenção do comportamento agressivo na infância e adolescência. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas**, v. 2, n. 1, p. 55-66, 2006.
- BOLSONI-SILVA, A. T.; LOUREIRO, S. R.; ROSA, C. F.; OLIVEIRA, M. C. F. A. Caracterização das habilidades sociais de universitários. **Contextos Clínicos**, vol. 3, n. 1, p. 62-75, 2010. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/134450>>. Acesso em: Jan. 2018.

BUSS, A. **A representação da família inglesa nos séculos XVIII e XIX através dos romances “Orgulho e Preconceito”, “Razão e Sensibilidade” e “Persuasão” de Jane Austen**, 2011. (Monografia de conclusão de curso de graduação) – Universidade do Extremo Sul Catarinense, Departamento de História, Criciúma, 2011.

CABALLO, V. E. **Manual para o tratamento cognitivo-comportamental de transtornos psicológicos**: transtornos de ansiedade, sexuais, afetivos e psicóticos. Santos Ed., 2003.

CANTUÁRIA, A. L. De protagonista a coadjuvante: o ônus das virtudes de Narizinho. **Cadernos Cedex**, v. 32, n. 86, p. 45-60, 2018.

CARROLL, L. **Aventuras de Alice no País das Maravilhas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. (Originalmente publicado em 1865).

CATANIA, A. C. **Aprendizagem: comportamento, linguagem e cognição** (DG Souza, Trad.). Porto Alegre: Artmed, 1999. (Originalmente publicado em 1998).

CHASE, P. N.; DANFORTH, J. S. **The role of rules in concept learning**. 1991.

CHESTERTON, G. K. Educação por Meio dos Contos de Fadas. **The Illustrated London News**. Londres, 02 dez. 1905.

COMODO, C. N.; DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P.; MANÓLIO, C. L. O passeio de Bia (vídeo): apresentação e validade interna externa de um recurso para a promoção de habilidades sociais pré-escolares. **Psicologia: Teoria e Prática**, São Carlos, v. 13, n. 1, 2011.

COMODO, C. N.; SILVEIRA, F. F.; DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P. Literatura e Assertividade: Análise dos Comportamentos da Personagem Emília em Obras de Monteiro Lobato. **Interação em Psicologia**, v. 17, n. 1, 2013.

COMODO, C. N.; DIAS, Talita Pereira. Habilidades sociais e competência social: Analisando conceitos ao longo das obras de Del Prette e Del Prette. **Interação em Psicologia**, v. 21, n. 2, 2017.

CONTE, F. C. S.; REGRA, J. A. G. A psicoterapia infantil: Novos aspectos. In: SILVARES, E. F. M. (Org.). **Estudos de caso em psicologia clínica comportamental infantil**. Campinas: Papyrus, 2000. p. 79-136.

COSTA, C. A.; SILVA, M. R. P. da; LIMA, V. F. S. A. O Pequeno Príncipe e o uso de metáforas na clínica. In: COSTA, N. C. (Org.). **Comportamento humano: análise, compreensão e aplicação**. Curitiba: Juruá, 2014. p. 119-135.

DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z.A.P. **Psicologia das habilidades sociais**: terapia e educação. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. **Psicologia das relações interpessoais e habilidades sociais**: Vivências para o trabalho em grupo. Petrópolis: Vozes, 2001.

_____. Assertividade e Religiosidade, muito além de uma Rima!. In: BRANDÃO, M. Z.; CONTE, F. (Org.). **Falo ou não falo? Expressando Sentimentos e Comunicando Ideias**. Araçongas: Mecenaz, 2003. p. 140-156.

_____. **Psicologia das Habilidades Sociais na Infância: Teoria e Prática**. Petrópolis: Vozes, 2005a.

_____. **Sistema multimídia de habilidades sociais para crianças**. Casa do Psicólogo: São Paulo, Brasil, 2005b.

_____. **Psicologia das habilidades sociais: Diversidade teórica e suas implicações**. Petrópolis: Vozes, 2009.

_____. Habilidades sociais e análise do comportamento: Proximidade histórica e atualidades. **Revista Perspectivas**, v. 1, n. 2, p. 104-115, 2010. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pac/v1n2/v1n2a04.pdf>>. Acesso em: 09 de Fev. 2018.

_____. **Psicologia das habilidades sociais: terapia, educação e trabalho**. Petrópolis: Vozes, 2012.

_____. **Competência social e habilidades sociais: Manual teórico-prático**. Petrópolis: Vozes, 2017.

DEL PRETTE, G. Treino didático de análise de contingências e previsão de intervenções sobre as consequências do responder. **Perspectivas em análise do comportamento**, v. 2, n. 1, p. 53-71, 2011.

FALCONE, E. O. Uma proposta de um sistema de classificação das habilidades sociais. **Sobre comportamento e cognição: Expondo a variabilidade**, v. 8, p. 195-209, 2001.

FALCONI, I. M.; FARAGO, A. C. Contos de Fadas: origem e contribuições para o desenvolvimento da criança. **Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade**, v. 2, n.1, p. 85-111, 2015.

FEITOSA, F. B. Habilidades sociais e dificuldades de aprendizagem na interface da educação com a saúde. **Revista Científica Virtual FACIMEDIT**, v. 1, n. 1, p. 1-19, 2009.

FIELD, A. **Discovering statistics using SPSS**. Sage publications, 2009.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da Pesquisa Científica**. 2002.

GADELHA-SARMET, Y. A.; DE JESUS, P. S.; XIMENES, P. A nova onda do imperador: Aprendizagem de habilidades sociais e o estabelecimento de relações de amizade. In: RIBEIRO, M. C.; DE-FARIAS, A. K. C. R. (Org.). **Skinner vai ao Cinema 2**. Brasília: Instituto Walden4, 2014. p. 157-185.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Plageder, 2009.

GÓES, L. P. **Introdução à literatura infantil e juvenil**. São Paulo: Pioneira. 1991.

GONÇALVES, E. S.; MURTA, S. G. Avaliação dos efeitos de uma modalidade de treinamento de habilidades sociais para crianças. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 21, n. 3, p. 430-436, 2008.

GUILHARDI, H. J. **Assertividade-inassertividade em um referencial comportamental**. 2012. Disponível em: <www.itercampinas.com.br>. Acesso em: maio 2018.

HUESMANN, L. R.; MOISE-TITUS, J.; PODOLSKI, C. L.; ERON, L. D. Longitudinal relations between children's exposure to TV violence and their aggressive and violent behavior in young adulthood: 1977-1992. **Developmental Psychology**, v. 39, n. 2, p. 201, 2003.

LEMES, A. C.; BUENO, G. N.; BUENO, L. N. Família: ambiente favorecedor ao comportamento governado por regras. In: PESSÔA, C. V. B. B.; COSTA, C. E.; BENVENUTI, M. F. (Org.). **Comportamento em foco 1**. São Paulo: Associação Brasileira de Psicologia e Medicina Comportamental – ABPMC, 2011, p. 339-353.

LOPES, S. R.; MAES, K. R.; VIEIRA, M. L. Brincar, Regras e Limites: Uma integração possível. **Psicologia. pt**, p. 1-17, 2011.

MARCHEZINI-CUNHA, V.; TOURINHO, E. Z. Assertividade e autocontrole: interpretação analítico-comportamental. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 26, n. 2, p. 295-304, 2010.

MATOS, Maria Amélia. Comportamento governado por regras. **Revista brasileira de terapia comportamental e cognitiva**, v. 3, n. 2, p. 51-66, 2001.

MOREIRA, M. B., MEDEIROS, C. A. **Princípios básicos de análise do comportamento**. Porto Alegre, Artmed, 2007.

MURTA, S.G. Aplicações do Treinamento em Habilidades Sociais: Análise da Produção Nacional. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, vol.18, n.2, p.283-291, 2005.

OLIVEIRA, J. M. M. de. Contribuições do Filme Detona Ralph para a Intervenção Terapêutica. In: COSTA, N. C.(Org.). **Comportamento humano: análise, compreensão e aplicação**. Curitiba: Juruá, 2014. p. 93-104.

PARACAMPO, C. C. P.; ALBUQUERQUE, L. C. D.; MESCOUTO, W. D. A.; FARIAS, A. F. Efeitos de perguntas e de respostas às perguntas sobre o seguir regras apresentadas em uma história infantil. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 29, n. 4, p. 369-379, 2013.

QUINTEIRO, R. S. Autoconhecimento e responsabilidade em Irmão Urso. In: DEFARIAS, A. K. C. R.; RIBEIRO, M. C. (Org.). **Skinner vai ao Cinema 1**. Brasília: Instituto Walden4, 2014. p. 91-109.

RICH, A. R.; SCHROEDER, H. E. Research issues in assertiveness training. **Psychological Bulletin**, v. 83, n. 6, p. 1081, 1976.

RODRIGUES, M. F. **Especial: 150 anos de ‘Alice no País das Maravilhas’**. 2015. Disponível em: < <https://cultura.estadao.com.br/noticias/literatura,nova-noticia,1731651>> . Acesso em: 20 jun. 2018.

SALDAÑA, M. R. R.; DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P. A importância da teoria da aprendizagem social na constituição da área do treinamento de habilidades sociais. In: GUILHARDI, H. J. et al. **Sobre comportamento e cognição: contribuições para a construção da teoria do comportamento**. Santo André: ESETec, 2002. v. 9, p. 269-283.

SAMPAIO, A. A. S.; ANDERY, M. A. P. A. Seleção por Consequências como Modelo de Causalidade e a Clínica Analítico-Comportamental. In: BORGES, N. B. B.; CASSAS, F. A. (Org.). **Clínica Analítico-Comportamental: Aspectos Teóricos e Práticos**. Porto Alegre: Artmed, 2012. p. 77-86.

SBARDELOTTO, F. C.; DONELLI, T. M. S. Entre bruxas e lobos: o uso dos contos de fadas na psicoterapia de grupo com crianças. **Contextos Clínicos**, v. 7, n. 1, p. 37-48, 2014.

SIDMAN, M. **Coerção e suas implicações**. Tradução Maria Amália Andery e Teresa Maria Sérgio. São Paulo: Editora Livro Pleno, 2009. (Originalmente publicado em 1989).

SKINNER, B. F. **Ciência e comportamento humano**. Tradução João Carlos Todorov e Rodolfo Azzi. São Paulo: Martins Fontes, 11 ed, 2003. (Originalmente publicado em 1953).

_____. **O comportamento verbal**. São Paulo: Cultrix, 1978. (Originalmente publicado em 1957).

_____. **Contingências do reforço: uma análise teórica**. 2. ed, São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Originalmente publicado em 1969).

_____. **Sobre o behaviorismo**. Tradução de Maria da Penha Villalobos. 10 ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2006. (Originalmente publicado em 1974).

_____ Selection by consequences. **Science**. Nova York v. 213, n. 4507, p. 501-504, 1981.

VASCONCELOS, L. A. **Brincando com Histórias Infantis: Uma contribuição da Análise do Comportamento para o desenvolvimento de crianças e jovens**. Santo André: Esetec, 1ª ed., 2006.

APÊNDICES

APÊNDICE B: Síntese do livro

A obra “As aventuras de Alice no País das Maravilhas”, do autor Lewis Carroll (1865/2013), conta a história de Alice, uma jovem menina que, ao cair na toca de um coelho, é transportada para um universo mágico e totalmente diferente do seu, o País das Maravilhas. Após ficar em queda livre por bastante tempo, o que faz com que a personagem consiga refletir sobre alguns aspectos de sua vida, Alice se vê em um local desconhecido, onde existe apenas uma mesa, uma porta minúscula trancada, uma chave pequena e um frasco contendo um líquido com a frase “Beba-me”.

Ao beber do líquido misterioso, Alice tem seu tamanho reduzido, ficando do tamanho ideal para conseguir ultrapassar a porta, porém a chave fica em cima da mesa, que agora está muito longe de seu alcance. Ao observar o ambiente ao seu redor, Alice encontra um bolinho que contém a frase “Coma-me” e ao comê-lo, seu tamanho triplica de tamanho. Triste por não saber onde está e sem ter como sair, Alice começa a chorar descontroladamente. As lágrimas são proporcionais ao seu tamanho, o que faz com que o ambiente vá enchendo de água. Neste momento, ela encontra com o Coelho, que, assustado, deixa seu leque e luvas caírem no chão antes de fugir. Alice, ao apanhar os objetos, acaba diminuindo de tamanho.

A menina, ao ver a situação em que se encontrava, se arrependeu de ter chorado tanto, pois agora estava praticamente se afogando. Ainda nadando na lagoa de lágrimas, ela conhece um Camundongo com quem conversa inicialmente sobre sua gata, Dinah, e depois sobre um cachorro que morava em sua vizinhança; estes temas fazem com que o Camundongo, que tinha muito medo destes animais, acabe se assustando.

Ao conseguir sair da sala onde se encontrava, Alice interage com outros animais, como o Dodô, o Camundongo que encontrara anteriormente, um Pato e um Papagaio; participa de uma corrida inusitada com eles e escuta algumas de suas histórias. Ao voltar a falar sobre sua gata, acaba espantando todos os animais e ficando sozinha.

Após o acontecido, Alice acaba chegando à casa do Coelho, que a confunde com sua criada Mary Ann e pede que ela busque suas luvas. Alice não desfaz o mal entendido e vai fazer o que lhe foi mandado. Enquanto procura, acaba encontrando novamente uma garrafa com um líquido misterioso e, por achar que não tinha nada a

perder, decide voltar a bebê-lo e acaba ficando maior que a casa. Após ser ameaçada pelos funcionários do Coelho, que tentam espantá-la achando tratar-se de um monstro, a menina retorna ao seu tamanho normal e consegue fugir.

Alice começa a explorar o País das Maravilhas, que para ela nada mais é do que um local existente em seus sonhos. No decorrer da trama, se encontra com a lagarta que a questiona sobre quem ela é e sobre seu tamanho, indicando à garota um cogumelo que caso mordido de um lado a faria crescer, e caso mordido do outro a faria diminuir. Ao comê-lo, Alice acaba ficando tão grande que comenta que nunca mais verá seus pés. Neste momento, encontra uma pomba que a confunde com uma cobra, e, por Alice ter o pescoço longo, não acredita que ela seja humana e teme que a garota coma seus ovos. Ao conseguir reduzir de tamanho, Alice se encontra com a Duquesa, que segurava um porco pensando ser um bebê, e com o Gato de Cheshire, que sempre mantinha um sorriso no rosto. Em seguida, a menina se encontra com o Chapeleiro Maluco e a Lebre de Março, com quem conversa enquanto toma chá, até que, após uma discussão, decide ir embora.

Saindo da casa da Lebre e do Chapeleiro, Alice se depara com os guardas da Rainha (cartas de baralho) que estão pintando flores brancas com tinta vermelha. Ao questionar os guardas, eles informam que as rosas brancas foram plantadas por engano no lugar das vermelhas e que isso provavelmente faria com que a Rainha pedisse que cortassem suas cabeças. Com a chegada da Rainha, que ao descobrir a farsa dos guardas resolve mandar executá-los, Alice é convidada para jogar croque com a corte. Durante o jogo, a menina percebe que a quantidade de jogadores vai diminuindo na medida em que a Rainha se desentende com alguns deles e ordena que sejam executados, o que faz com que Alice tenha cautela na forma de se comportar e se referir à Rainha.

Após conversar novamente com o Camundongo, conhecer o Grifo, a Tartaruga Falsa e ouvir suas histórias, todos são convidados a participar de um julgamento, onde Alice nota que seu tamanho está voltando ao normal aos poucos. Ao ser chamada para depor sem saber do que se tratava, Alice expõe seu descontentamento com a corte, com o Rei e a Rainha, que ordena que cortem a cabeça da garota. Alice fica inconformada com as injustiças e é ameaçada pelos guardas, que a atacam. Ao tentar se defender e revidar, começa a ouvir a voz de sua irmã ao fundo e finalmente desperta de seu sono, percebendo então que tudo não passou de um estranho sonho.

APÊNDICE C: Documento enviado aos juízes

Prezado juiz,

Você receberá um quadro contendo fragmentos de interações dos personagens do livro *As aventuras de Alice no País das Maravilhas* (Lewis Carroll, 1865/2013). Sua tarefa consiste em:

1. Ler o fragmento que envolve: o contexto antecedente, o comportamento e o contexto consequente.
2. Identificar em qual estilo comportamental (agressivo, assertivo e passivo) o referido comportamento pode ser caracterizado.

Para auxiliar na caracterização, seguem as descrições dos estilos utilizadas por Del Prette e Del Prette (2003).

- Comportamento assertivo: aquele em que o indivíduo, em uma situação que envolve risco de reação indesejável, se comporta de modo a garantir seus direitos e expressar seus pensamentos e sentimentos sem violar o direito do outro.
- Comportamento agressivo: aquele em que o indivíduo possui baixo autocontrole dos comportamentos públicos e privados, além de envolver autovalorização excessiva e busca por resultados imediatos, o que acaba gerando desvalorização e violação dos direitos do outro.
- Comportamento passivo: aquele em que o indivíduo tem dificuldade de expressar opinião e sentimentos, e quando o faz, não é de maneira habilidosa, mas sim de forma apagada, seguida de justificativas e desculpismos que, na maioria das vezes, fazem com que seus sentimentos e direitos sejam ignorados.

Lembre-se de marcar apenas **uma** caracterização para cada fragmento.

Obrigada!

CONTEXTO ANTECEDENTE	COMPORTAMENTO DE ALICE	CONSEQUENTE	Estilos Comportamentais		
			Agressivo	Assertivo	Passivo
Camundongo foge assustado por ter medo das histórias sobre gatos e cachorros contadas por Alice	Pedir desculpas e prometer não tocar mais no assunto para que não se assuste	Camundongo se reaproxima			
Dodô e grupo de amigos determinam que Alice deva receber um prêmio por ter participado de uma corrida	Achar um absurdo receber o prêmio, mas receber fazendo uma reverência	Evitar aborrecimento do grupo			
Camundongo quebra a promessa de contar o motivo pelo qual teme gatos e cachorros	Pedir sussurrando [em função de ser aversivo para o Camundongo falar sobre este assunto em voz alta] que ele lhe conte a história	Camundongo conta a história			
Camundongo diz que Alice não está prestando atenção na história	Dizer que ele se ofende à toa	Camundongo se afasta sem terminar de contar a história			
Coelho confunde Alice com sua criada e a trata de forma grosseira [rígida] pedindo suas luvas	Apressar-se para acatar a ordem do Coelho de forma amedrontada sem desfazer o mal entendido	Coelho satisfeito por ter sua ordem atendida			
Caxinguelê diz ao ser interrompido por Alice: " <i>se não pode ser educada, é melhor você mesma terminar de contar a história</i> "	Pedir desculpas e prometer não interromper novamente	Caxinguelê continua a contar a história			
Chapeleiro pede que todos troquem de lugar à mesa, pois estava sem louças limpas para usar. Todos passam para a cadeira seguinte e Alice acaba ficando apenas com louças sujas.	Ignorar o ocorrido e mudar de assunto para não ofender os anfitriões	Anfitriões comem em louças limpas; Alice fica com louças sujas			
Chapeleiro interrompe a fala de Alice e diz: " <i>se você não pensa, é melhor não falar nada</i> ".	Levantar-se revoltada [por não aceitar a grosseria] e ir embora sem dizer nenhuma palavra	Fim da discussão			
Rainha pergunta para Alice quem são os guardas que estão pintando suas flores	Perguntar: " <i>Como eu poderia saber? Não é da minha conta</i> "	Rainha ordena que lhe cortem a cabeça			
Abraço desconfortável da Duquesa	Aceitar o abraço para não ser indelicada	Duquesa abraça; Desconforto			
Ordem do Grifo: " <i>continue recitando o próximo verso</i> "	Recitar o verso com a voz trêmula, mesmo sem querer	Grifo tem sua ordem atendida			
Bill risca o quadro com um giz	Tomar o giz à força da mão de Bill	Ausência do som que a incomoda			
Caxinguelê reclama sobre o crescimento repentino de Alice	Responder ao comentário de forma grosseira, dizendo " <i>Não diga tolice, não sabe que também está crescendo?</i> "	Caxinguelê se afasta			
Rei diz que existe uma regra [a mais antiga de todas, de número 42] que decreta que todas as pessoas com mais de um quilômetro e meio de altura devem se retirar do tribunal,	Se recusar a sair, pois afirma que a regra não existe, já que a mais antiga de todas as regras deveria ser a de número 1 e não 42	Rei não retruca para Alice; Alice permanece no tribunal			

então Alice deve sair					
Rainha ordena que Alice cale a boca	Dizer: <i>"Não calo!"</i>	Rainha ordena que lhe cortem a cabeça			